# Interview #1

[TJVG]: Há quanto tempo trabalha com pessoas cegas?

[IN]: 9 anos

[TJVG]: Ao longo desses anos, que funções teve junto da população?

[IN]: Passei por monitora de informático, dactilografia e utilização do computador a nivel basico e depois dentro das tarefas de fazer de tudo um pocuo, tudo dentro do uso de novas tecnologias.

[TJVG]: Aquilo que fez no CRNSA é semelhante ao que faz aqui?

[IN]: Sim, continuei a ser de informática. Windows, Microsoft word, messenger, pesquisas, motores de busca, o JAWS...no CRNSA utilizávamos leitores de ecrã.

[TJVG]: Na fundação 5 anos e no CRNSA 4 anos. Aproximadamente, com quantas pessoas cegas já trabalhou?

[IN]: Não faço ideia. Aqui passam 50 por ano...umas 300...porque algumas vão-se repetindo.

[TJVG]: Nas populações com que trabalhou aqui na fundação e na CRNSA, são populações muito diferentes? Num lado mais jovens, noutro lado mais idosos?

[IN]: CRNSA é um centro de reabilitação para recém-cegos portanto a população que passava lá era muito diversificada em termos de intervenção. Trabalhava-se individualmente. Aqui na Fundação só o facto de termos uma turma com características semelhantes isso já facilita muito o trabalho...falamos em grupos e não individualmente. Aqui na Fundação há de facto grupos muito distintos dependendo da área de curso. Os telefones tem sempre pessoas com mais escolaridade, aptidões que não têm as pessoas da tapeçaria.

[TJVG]: Isso é por escolha das pessoas ou há alguma pré-selecção?

[IN]: Passam por entrevistas iniciais, sociais e com o psicólogo.

[TJVG]: Portanto, na Fundação, cada população é diferente...

[IN]: Mesmo dentro dos cursos têm grupos muito distintos. Nos telefones têm todos que ter mais do que o 9º ano, os utentes que nos chegam com uma escolaridade acima do 9º, 12º, licenciatura são todos reencaminhados para os telefones, não só pela exigência mas porque também é o curso que tem inserção do mercado de trabalho. Existe uma grande diferença entre os utentes dos telefones e os da tapeçaria...estes são um pouco mais limitados.

[TJVG]: A parte da escolarida é decisiva. Que outras características são importantes?

[IN]: A atenção, a memória, é tudo retirado de um conjunto de testes psico-técnicos...resolução de problemas....

[TJVG]: Consegue dar exemplos de casos de pessoas que identifique que sejam muito diferentes no uso de um computador?

[IN]: Para começar, dentro da população com deficiência visual, se queres falar em características, deves começar primeiro pelas características resultantes da deficiência. Porque é isso que podes pegar para que haja algo comum...porque de resto a população é comum. Dentro da deficiência pode ser uma deficiência congénita ou adquirida, o que altera logo a forma de abordar, as dificuldades vão ser completamente diferentes da pessoa que nasceu já cego e explorou o mundo já sem visão ou de alguém que adquiriu uma deficiência visual, que já não vê mas tem todos os referenciais que a visão lhe deu. Isto muda tudo.

[TJVG]: São dois parâmetros diferentes. A altura que adquiriu a cegueira e também o tempo há que a pessoa é cega?

[IN]: Sim, também.

[TJVG]: A altura da incidência será mais relevante do que o tempo?

[IN]: Sim. Em termos de dificuldades depois tem de pensar no tipo de actividades. Um cego congénito, no dia a dia, não tem tantas dificuldades do que uma pessoa que adquiriu a cegueira mais tarde na vida. No entanto, na utilização de um computador de software, a visualização do ambiente de trabalho, do que está a ser feito, do tipo de tarefas, é sempre mais facilitada para quem é viu, e para quem tem referências visuais...um congénito tem sempre mais dificuldades em usar um computador, porque não tem as referências visuais que nós temos...ou pelo menos aqueles que não têm isso trabalhado. Aí entras a nível individual e subjectivo. Já tive cegos congénitos que nunca pegaram num computador e quando pegaram, explicaste um bocadinho o ambiente de trabalho e eles mexem como se vissem o que estão a fazer, e outras que viram durante muito tempo e não conseguem fazer nada.

[TJVG]: Aí estará ligado à parte cognitiva?

[IN]: Sim, a tudo. Aí sim entra a subjectividade individual. Aconselho-te a concentrares sempre o estudo na parte da deficiência porque senão é tudo, é um mundo inteiro.

[TJVG]: As capacidades variam mais entre as pessoas cegas do que entre os normo-visuais?

[IN]: Não. Acho que é o mesmo. A única característica que tem é a limitação sensorial, o que pode influenciar o deenvolvimento individual da pessoa, se surgir numa fase crítica de desenvolvimento. E as características que podem existir numa população adulta cega são essas, as limitações que tiveram por não verem e que resultaram em caarcterísticas porque não houve o desenvolvimento daquelas capcidades. Tirando isto, não vejo nenhum factor.

[TJVG]: Cada pessoa que chega, haverá uma ideia sobre as dificuldades que essa pessoa terá, nem que seja pela sua condição. Quais são as características identificadas que traduzem maior insucesso no uso de um computador?

[IN]: Principalmente, o pensarem que não são capazes.

[TJVG]: A atitude?

[IN]: Sim, muitas vezes são elas próprias que são teimosas e acham que não são capazes. O aspecto psicológico. Depois, em termos de dificuldades, assim de uma forma geral, a orientação espacial, a falta de.....principalmente nos congénitos. A orientação espacial num espaço reduzido ou a nível informático, num ambiente virtual.

[TJVG]: E casos de sucesso? Alguma característica em especial? Grau de literacia?

[IN]: Às vezes nem tanto. A orientação espacial não está relacionada com a literacia...pode é ser aumentada por isso. Temos casos tão diversificados. É difícil.

[TJVG]: E telemóveis? Alguma diferença que leve ao sucesso?

[IN]: É ao nível individual. Aqueles que conseguem distinguir melhor o teclado...

[TJVG]: Aí será a sensibilidade táctil?

[IN]: Sim, sem dúvida. E a sensibilidade é algo que é muito importante terem em conta porque actualmente uma grande percentagem de pessoas cegas advém de situações de diabetes que alteram também o tacto.

[TJVG]: Existem outras que alteram o tacto, para além da idade também?

[IN]: Sim, doenças degenerativas. Mas a diabetes é a mais problemática.

[TJVG]: Doenças degenerativas já entramos no campo da multi-deficiência?

[IN]: Sim. O nervo óptico é dos primeiros a ser afectado nas doenças degenerativas. Antes de perder mobilidade, equilibrio, orientações...primeiro ficam cegos.

[TJVG]: Destas características costumam fazer algum teste espcífico para além dos psico-técnicos?

[IN]: Sim, testes de destreza manual. Para os cursos de têxteis.

[TJVG]: Relacionado com o uso de computadores, algum teste?

[IN]: Ele adaptou aquele que faz para os têxteis. Vai passar a ser feito é um teste para o conhecimento que as pessoas têm a nível de computadores. Mas é só verbal.

[TJVG]: Dessas características têm alguma técnica para melhorar esses casos?

[IN]: Sobretudo treinar. Dentro da utilização do computador, a nível de informática, muitos casos tinham dificuldades de orientação do espaço e portanto dificuldade de utilização do teclado. Para isso, o teclado tem as teclas de referência e muitas vezes não são suficientes e nós aí colocamos logo umas borrachinha que realçam essas referências. Mas sobretudo é treino.

[TJVG]: Essas referências são posteriormente retiradas?

[IN]: Não. Os teclados à partida já têm os pontos de referência no F e J mas são minímos e para facilitar o trabalho de dactilografia adicionamos pontos e ficam...

[TJVG]: As próprias pessoas cegas criam algum mecanismo extra para facilitar o uso?

[IN]: Cada um deles depois adopta medidas. Da nossa parte pode-se dizer que é uma adaptação também. Se há alguns formandos que têm uma dificuldade extra, na sala tenta-se por exemplo que o teclado seja mais alto para a pessoa que tem mais dificuldade e isso depois é sugerido também ao formando...depois alguns deles usam outro tipo de estratégias.

[TJVG]: Em relação a essas tecnologias assistivas, tentam suprimir as dificuldades com pequenas alterações. Existem tecnologias assistivas mais drásticas?

[IN]: Sim, se souberem Braille, pode-se substituir por uma linha Braille, um teclado completamente adaptado. No entanto, o que se pretende é sempre que eles utilizem o que é geral. Não se pretende que sejam especializados em adaptações mas sim naquilo que vão ter quando chegarem a algum lado.

[TJVG]: O teclado Braille, o feedback voz,..têm algum pressupostos. Esses pressupostos estão normalmente assegurados?

[IN]: Não. A questão da sensibilidade no caso do Braille é um caso. No caso da diabetes, por exemplo.

[TJVG]: A utilização de um teclado Braille em vez de os teclados normais ajuda em que casos?

[IN]: A linha Braille é usada em casos de surdez, porque não podem usar software de leitura de ecrã. O esforço será sempre muito maior do que o esforço para utilizar um teclado normal.

[TJVG]: Em relação a tecnologias assistivas para telemóveis, que é que...?

[IN]: Não tenho mesmo experiência. Odeio telemóveis. Posso falar da parte funcional. Para a autonomia deles, é essencial ter um telemóvel que fale, para poderem fazer gestão de tudo autonomamente. É muito chato ter que pedir a alguém para ler mensagens, por vezes embaraçosas.

[TJVG]: Essas tecnologias também têm algum pressupostos. Nota dificuldades no uso dos dispositivos ou conseguem?

[IN]: As que vêm ter comigo é mais nas mensagens porque de resto conseguem.

[TJVG]: Acha que conseguem níveis de sucesso semelhantes na escrita de mensagens às pessoas normo-visuais.

[IN]: Sim. Essa é aquela parte em que eu não acho que haja grande diferença.

[TJVG]: E em relação às capacidades acha que eles conseguem suplantar em algumas coisas por capacidades que desenvolvem?

[IN]: Não, é a mesma coisa. Acho que é igual.

[TJVG]: Na sua opinião, quais as características individuais que definem maior sucesso no uso de Tecnologia?

[IN]: Para se dar bem com as tecnologias, primeiro a vontade. Em qualquer curso desde que tenha vontade e algum empenho consegue aprender. Características que facilitam são a orientação espacial, a memória, a concentração, a capacidade resolução de problemas e de associação de ideias, a curiosidade também. É muito pessoal.

[TJVG]: No contacto com telemóveis, a idade influencia?

[IN]: Sim.

[TJVG]: Tem um influência pela idade ou pela atitude?

[IN]: As duas coisas. Primeiro, os mais novos já nasceram com um computador.A escolaridade é toda feita com um computador, sendo cegos ou não. Os mais novos têm muita facilidade em mexer com tecnologia, que os mais velhos não têm. Depois também tem a ver com as outras questões relacionadas com a idade. Todas as competências relacionadas com a idade ficam alteradas, a memória, a atenção, a concentração...isso afecta.

[TJVG]: Essa diferença pode ser drástica na medida em que uma pessoa de idade já muito avançada não consegue ter sucesso? Ou é apenas mais lenta?

[IN]: A aprendizagem é mais lenta ou o desempenho é mais lento.

[TJVG]: Acha que a experiência que as pessoas têm influencia?

[IN]: Influencia brutalmente.

[TJVG]: Quer a experiência antes da cegueira ou depois de ser cega?

[IN]: Sim. Porque os softwares são todos feitos muito gráficos e para o entendimento do que se está ali a passar é importante já ter tido experiência. Qualquer pessoa que vai ajudar dá sempre referências visuais. Se tiver noções, vai perceber muito mais facilmente.

[TJVG]: No uso de dispositivos, não só a destreza mas também a força motora, nota que tem alguma influência? A nível de execução ou fadiga?

[IN]: Não tanto de fadiga mas a gestão da força a utilizar, do movimento que vão fazer com os dedos é bastante treinada inicialmente e há casos que têm bastantes dificuldades em perceber qual o ponto correcto para usar o teclado.

[TJVG]: [Agradecimentos e Debriefing]

# Interview #2

[TJVG]: Há quantos anos trabalha com pessoas cegas?

[IN]: Há cerca de 25/26 anos que trabalho ligado aos jovens.

[TJVG]: Sempre com jovens num período de aprendizagem?

[IN]: Sim.

[TJVG]: Essas pessoas diferem bastante entre si?

[IN]: Sim, em relação mesmo aos alunos com deficiência visual só comecei a ter contacto a nível profissional com eles há 20/21/22 anos. Antes disso tive os outros jovens alunos de Filosofia/Sociologia e tudo jovens, 15-18 anos, e distinguia este daquele pela sua individualidade, pela sua personalidade, pela turma em si, também havia diferenças de turma para turma. Sempre foi um manancial de diversidade.

[TJVG]: Sei que é complicado, com quantos jovens cegos já trabalhou? Uma ordem de grandeza...

[IN]: Alunos em termos gerais digamos cerca de 300 alunos, os alunos com deficiência visual, mais ou menos directamente, nestes 20-22 anos, talvez de 80-100 alunos.

[TJVG]: Desses que acompanha, voltando a falar das diferenças de cada um deles, uma situação pessoal e características pessoais, que os faz lidar com dispositivos de forma diferente, quais são para si as características quer sejam demográficas, físicas, cognitivas,..., que têm maior impacto na forma como as pessoas lidam com os vários desafios?

[IN]: Eu nunca me preocupei muito com a divisão geográfica. Só por si não é significativa. Posso ter um aluno no Bombarral que é muitissimo melhor que um aqui em Lisboa. Agora pode ter diferença a idade que adquiriu a deficiência ou mais significativamente a adquiriu, pode ter diferença o nível de estímulo que foi conseguindo a nível familiar, a nível da escola, enquadramento. Portanto, geograficamente para mim não há que distinguir. Agora tem a ver com todo o enquadramento e não é fácil caracterizar o ambiente melhor ou pior, quais as características que concorreram para que este aluno fosse melhor, tivesse melhores resultados, maior iniciativa, maior autonomia. Há uma diversidade de variáveis que não é fácil....seria um outro trabalho, muitíssimo alargado e complexo de realizar para conseguirmos chegar a alguma conclusão em concreto, na minha perspectiva.

[TJVG]: No trabalho que faz de acompanhamento, ajuda-os junto de tecnologia?

[IN]: Sim. Agora é fundamentalmente ajudando-os na tecnologia. É fundamentalmente essa área embora possa também passar apenas pela sugestão. Porquê? Porque ajudando-os....eu cheguei a trabalhar directamente com eles...agora é difícil porque eles são mais do que é possível acompanhar num trabalho sistemático. Depois porque é difícil fazer um trabalho sistemático, pelo menos uma vez por semana, devido ao número de escolas que eu acompanho. Se tenho que ir para as Caldas da Rainha, Torres Vedras, Santarém....dificilmente consigo fazer isso uma vez por semana...não é fácil Já houve trabalhos que eu ...alunos que acompanhei de 15 em 15 dias e consegue-se sempre alguma coisa mas depende depois também do estímulo que conseguir, autonomia que conseguir criar no aluno, grau de iniciativa que conseguir transmitir. Neste momento, a minha perspectiva é mais esta, dar-lhe bases de trabalho quando não as tiverem, e esclarece-los quando têm dúvidas, tentar enquadrar as suas dificuldades de modo a que eles próprios as comecem a ultrapassar e a sentir... resolver as dúvidas que vão surgindo. Mais ou menos directamente há sempre um trabalho próximo.

[TJVG]: Qual a denominação do seu cargo?

[IN]: Em termos administrativos, sou técnico superior. Mais do que até do ensino. A designação propriamente ...não vou dizer assim uma distinção...uma designação...praticamente não existe...trabalho com professores de apoio, não sou um professor de apoio mas sempre na área do ensino. Muitos conhecem-me como professor. Aproxima-se mais do professor de TIC do que qualquer outra designação porque no fim de contas trabalho com equipamentps, novas tecnologias....TIC. Na escola eu sou o professor de TIC, um professor de TIC externo. Um professor que vai lá com uma actividade específica nesta área. Faço a introdução de programas específicos e muitas vezes até trabalho com o professor de TIC da escola para melhor enquadrar os alunos que são mesmo específicos.

[TJVG]: Nesse apoio que dá, é mais focado nos computadores ou também dá apoio a nível de dispositivos móveis?

[IN]: Não. Mas é evidente que....PDAs não têm aparecido mas existem em paralelo aos computadores, aos telemóveis, aos PDAs, existem os dispositivos que são específicos que são uns mini-computadores, uns PDA específicos, que até podem não ter ecrã, e que portanto houve uma época em que era o equipamento que considerava importante, que considerava extremamente útil. Hoje já não considero isso. São um desperdício de dinheiro. São muito caros, para além da impossibilidade de atrair companhia, ou seja, a possibilidade de transmitir o que está no equipamento a pessoas normo-visuais. Aí é redutor. Para além de hoje termos dispositivos que resolvem muito melhor o problema. Os computadores, que estão completamente acessíveis a um aluno cego e não faz sentido comprar nenhum equipamento por 3000 euros quando temos um equipamento por 300 euros. E também se pode comprar uma linha Braille e ligar-se a esse computador, com a vantagem desse computador estar disponível a qq colega ou amigo [...]

[TJVG]: Quando aproxima um desses casos, num primeiro contacto, como se apercebe das dificuldades, barreiras de um aluno? Faz algum teste ou é com a experiência?

[IN]: Normalmente quando vou, já mais ou menos sei o nível de necessidade que o aluno tem. Aliás, em muitos casos, até faço a própria instalação do progrma de leitor de ecrã que ainda nem é conhecido. Hoje já acontece pouco, já chego à escola e o aluno já conhece, já está instalado. Não quer dizer que não tenha que instalar o leitor de ecrã ou que o aluno ainda não esteja familiarizado, não conhece o que tem À sua disposição. Mas portanto provavelmente esta...não há um nível de teste, se bem que haja uma ou outra situação que se possa por e em que vá mesmo nessa função, função de fazer uma avaliação, tipo perceber quando é um aluno com baixa visão, perceber qual o nível de alcance da visão, qual é a necessidade de leitor de ecrã ou de amplicação de voz...aí a esse nível pode a perspectiva da avaliação ser importante e acontece uma vez por outra.

[TJVG]: Encontra então alunos que já têm aquele primeiro contacto com um teclado?

[IN]: Sim, não quer dizer que não haja um ou outro que esse contacto é mínimo. Por exemplo, aquela colega que lhe falei há bocado, está quase a nível zero a nível de informática. E um dos problemas que se me pôs é que ela apresenta-me um teclado enorme, um teclado ampliado, quando isso para um aluno com estas cracterísticas é o menos importante, o menos significativo, o teclado, porque o teclado é um trabalho de base aprendê-lo, organizá-lo, memorizá-lo. Na minha perspectiva nem sequer faz sentido ampliar as letras de um teclado porque aquilo é um esforço mínimo organizá-lo, memorizá-lo...

[TJVG]: E para conseguir lidar bem com esse teclado quais as características importantes na pessoa ou quais aquelas que o teclado puxa?

[IN]: A memória como é evidente, a destreza, a chamada motricidade fina, em que os dedos se mexem bem, se movimentam bem, uma boa destreza manual, que os dedos se mexem bem, uma pressão semelhante em cada um dos dedos...porque se nós formos fazer o exercício por exemplo... quando na aprendizagem tocar numa tecla com o dedo mínimo é mais dificil de fazer mas se for no movimento todo do teclado não se nota, ou seja, se formos a fazer o exercício dedo por dedo é mais difícil em que todos os dedos estejam implicados, ou seja, no mkvimento do escrever, da digitação, não se nota que um dedo tenha maior dificuldade que o outro.....abstracção, memorização, destreza manual, pressão semelhante. Noção do posicionamento das teclas, saber qual o teclado base...

[TJVG]: Acha que essas características se transferem para o teclado de um telemóvel ou que é mais ou menos exigente?

[IN]: É menos exigente se bem que o problema que se põe ao nivel do teclado do telemovel por vezes é a distinção entre teclas. Porque o teclado do telefone não põe problema nenhum a uma pessoa com estas carscterísticas. Por pôr com o teclado liso, com o tamanho entre as teclas, com a distinção entre teclas. Porque se forem bem distintas das outras não há qualquer problemna no uso desse teclado. Aliás. uma experiência minha que foi uma luta grande quando surgiram os multibancos...que vinham com teclados lisos...com um teclado liso e aind apor cima um equipamento que a pessoa tem todo um stress à volta dele, com a sua utilização, foi complicado. Mas depois começaram a surgir...hoje todos os teclados...já não existem teclados que não sejam as teclas distintas umas das outras, que não haja distinção.

[TJVG]: No entanto, na população com quem lida, esse problema até é menor do que numa pessoa mais velha?

[IN]: Sim, mas também há jovens que infelizmente não foram bem trabalhados na sua motricidade fina e são pormenores muito importantes. A questão da autonomia, a questão da psico-motricidade, motricidade fina, são questões de base...se não forem bem trabalhadas há perdas signficiativas ao longo das aprendizagens, e não só, da sua vida. São aspectos que têm que ser bem trabalhados para que depois possam tirar proveito.

[TJVG]: Serem trabalhados, a motricidade fina e a psico-motricidade? Existem algumas técnicas em particular para aumentar essas características?

[IN]: Não sou uma pessoa dessa área. Não tenho preocupações desse tipo de estudos. Mas tenho uma ideia que tocar tudo o que são objectos, dos mais simples aos mais complexos é importante quando se é criança. E isso está ao alcance de qualquer criança cega ou com baixo visão. Deve-se estimular a utilização de objectos, a sua compreensão, sejam eles mais imples ou mais complexos. As formas, os tamanhos os pesos, os volumes, são tudo aspectos que são importantes. Deve a criança poder mexer, dosear, e depois deve ser trabalha a sua especialização para melhor os compreendeer...por exemplo, um carrinho é importante dosear o carrinho e aproveitá-lo para brincar mas também estabelecer a semelhança daquele carrinho com o carro grande, um objecto real, um equipamento real com uma função específica. É importante fazer essa passagem, do que é brinquedo para o que é real. ISto para que não só a nível da utilização dos dedos mas também a nível da memória, da abstracção,...

[TJVG]: Quando me falou das características que têm relevância para a aprendizagem do teclado, falou numa parte mais cognitiva e depois de uma parte mais de percepção, destreza, motricidade fina. A nível cognitivo é o que assume maior relevo?

[IN]: Eu não sei se a memória é o que assume mais importância mas que assume importância semelhante assume. É evidente que em paralelo com a destreza manual, a utilização dos dedos, as duas coisas fazem sentido. Por vezes a memória pode estar simplesmente no acto físico, na prática da utilização...algo mais intuitivo. É evidente que agora sei que é QWERTY e tal mas eu posso abstrair o teclado porque ao tocar sei fisicamente o espaço que as teclas ocupam. Eu digo isto porque a minha porta de entrada do prédio tem um teclado e eu se calhar se me perguntarem qual é o código eu não lhe sei dizer...mas chego lá e é mecânico. Outra coisa muito importante á a orientação. São muitas características e variam muito.

# Interview #3

[TJVG]: Há quanto tempo trabalha com pessoas cegas?

[IN]: Eu trabalho há 24 anos, exactamente.

[TJVG]: Ao longo desses anos, que funções teve junto da população?

[IN]: Fui formador de...primeiro fui técnico de Braille no contexto da reabilitação, depois fui formador de Braille na Fundação, e tenho sido também formador de outras disciplinas como psicologia das organizações e tenho também as funções de psicólogo, aqui na Fundação.

[TJVG]: Assim, aproximadamente, com quantas pessoas cegas já trabalhou?

[IN]: Já contactei com mais de 300. Agora, aquelas com quem trabalhei de forma mais demorada, porque muitas só fiz o teste da avaliação, mas seguramente perto de 200 pessoas.

[TJVG]: E dessas, tem sido uma população diversificada?

[IN]: Tem sido uma população diversificada quer nas suas habilitações quer quando ao escalão etário, agora aqui derivado às actividades que promovemos haja uma tendência, por um lado, tratar-se de pessoas com habilitações mais baixas e por outro lado também mais idosas, na medida em que a deficiência visual tende a surgir em fases mais avançadas da vida e também porque o único curso que nós aqui promovemos, e que é mesmo decisivo para o emprego, é o curso de telefonista. Depois as pessoas com 40, 50 e poucos anos vêm fazer formação noutras áreas até para poderem ficar com algumas actividades de ocupação no âmbito do artesanato e das actividades funcionais, também antigamente existiam.

[TJVG]: Pode dizer que ao longo do seu trabalho com pessoas cegas, tem trabalhado com pessoas individualmente muito diferentes.

[IN]: Sim, são diferentes quer pela forma como perdem a visão, uns são derivados de cirurgias que fazem ao cérebro, outros são de acidentes de viação, outros são deficiências que adquiriram de uma forma mais ou menos abrupta, às vezes descolamentos da retina, outros têm evolução mais lenta na perda da visão, são os casos das retinopatias diabéticas e pigmentdares. Depende muito de caso para caso. Vai dependendo.

[TJVG]: Tinha mencionado formação de Braille. Também ensina matemática para a vida. Neste ensino que faz, quando forma as pessoas onestas áreas e, tendo em conta essas diferenças, o que acha que as diferencia mais?

[IN]: A diferenciação pode estar ao nível da disponibilidade e capacidade para aprender porque depende da sua capacidade intelectual. Também o grau de formação que têm, se têm uma escolaridade mais reduzida ou se têm uma escolaridade mais desenvolvida. Depois também é importante a sensibilidade que têm ao nivel (isto mais na questão do Braille), ao nível da sensibilidade que têm no tacto. E isso quanto mais precoce for a perda da visão, melhor é para a capacidade de ler do Braille. Se perderem a visão já assim nos seus 40 e poucos, 50 anos já é mais complicado. Parece que o cérebro já não tem tanta plasticidade para se adaptar aquela leitura. Depois, também é importante as pessoas ao nível da orientação, por norma as pessoas quando perdem a visão em idades mais precoces tendem a ser melhor orientadas no espaço enquanto deficientes visuais do que aquelas que perdem a visão mais tarde. Aquilo de que me recordo, julgo ser assim. Embora também neste grupo das que perdem a visão mais tarde haja pessoas bem orientadas. Mas aquelas que têm maiores dificuldade de orientação tenho ideia de se concentrarem mais nas pessoas que perderam a visão em idades mais avançadas da sua vida.

[TJVG]: Aqui na Fundação também têm formação com computadores e também a maior parte dos formandos tem e usa um telemóvel. As capacidades funcionais a trabalhar com esses dispositivos varia muito?

[IN]: Eu confesso que não tenho estado assim muito perto deles na utilização desses equipamentos mas varia um bocadinho sim. E também aqui se constata que quanto mais novos forem. Aqui há várias variáveis a influenciar. Porque por um lado a idade, claro, mas por outro lado as capacidades intelectuais. Claro que se o intelecto não for muito desenvolvido as dificuldades serão maiores mas digamos que se consisderarmos niveis intelectuais similares a idade aqui tem algum papel importante na medida que os mais novos têm uma tendência a lidar melhor com estes equipamentos. Depois também há aquelas pessoas que têm maior aptidão para...interesses mecânicos...uma pessoa que tenha uma aptidão mecânica bastante considerável e tenha curiosidade para explorar mecnaismos tem tendência a ter mais sucesso com telemóveis e computadores. Tenho dois formandos que têm essas aptidões mecânicas muito desenvolvidas e eles exploram esses equipamentos com uma grande capacidade. Depois outro aspecto importante às vezes é o grau de utilização da leitura que as pessoas tinham previamente. As pessoas que faziam uma utilização mais frequente da leitura estão mais motivadas para fazer aprendizagens em que utilizem novamente a aproximação da leitura do que outras pessoas que não estivessem. Outra capacidade importante nestas aprendizagens é a memória sem dúvida. Embora aqui no trabalho com o telemóvel a memória pode condicionar as primeias aquisições mas depois também...

[TJVG]: Quando há bocado falava em níveis intelectuais, agora falou na memória,...quando fala de níveis intelectuais, está a falar de que componentes?

[IN]: Estou a falar de quando se avalia as capacidades intelectuais fundamentalmente ao nível de inteligência geral mas também podemos discriminar em raciocínio, lógica abstract, aritmética, verbal. Mas estava a falar mais de um conceito geral de inteligência. Estes dois casos que conheço bem é que nota-se que são pessoas com grande abilidade mecânica. Não é que aqui nós exploremos as aptidões mecânicas porque fazemos muito ao nível da inteligência verbal mas nota-se ao nível das pessoas no dia a dia, no interesse por máquinas e em explorá-las, a forma como produzem determinados instrumentos, artefactos...quando têm essas capacidades noto que depois têm um interesse pela aprendizagem no trabalho com telemóveis, computadores e outros dispositivos.

[TJVG]: Então pensando em características possíveis, esses serão os casos onde nota maior impacto no sucesso?

[IN]: Pode haver aqui uma coincidência também porque nunca fiz assim uma observação exaustiva de como é que as pessoas lidam. Vejo-as utilizar pela Fundação os telemóveis e sei que uns são mais proficientes que outros mas não quer dizer que faça uma observação sistemática da sua utilização.

[TJVG]: Mas também nos computadores, em termos de tecnologia em geral?

[IN]: Nestes dois casos, sim. Acontece isso. E é interessante que há um deles que talvez por não gostar muito de se confrontar com inêxitos quando foi no princípio fez uma certa resistência a trabalhar com computadores. Ainda se trabalhava na altura com o MS-DOS e com o processador de texto que era o Word Perfect. Ainda não existia o Jaws. Quando lhe foi sugerido que usasse o computador que lhe facilitaria a vida na consulta das listas, ele fez resistência. Entretanto, venceu a resistência e hoje volvidos 10 anos já é um diria, não é um perito, mas um utilizador bastante avançado da informática. E lá está, como ele também tem aqueles conhecimentos, ou aquelas aptidões mecânicas, é uma pessoa que explora também os computadores por dentro, não se limita ao teclado...explora os discos, as portas.

[TJVG]: Novamente, pensando em características possíveis, onde nota maior impacto no insucesso? Quais as pessoas que têm mais dificuldade?

[IN]: Os casos em que tenho notado maior inêxito, pelo retorno que me é dado pelas formadoras, são pessoas que também são algo desorientadas no espaço. A características que vejo mais dominante é essa. E também tiveram dificuldades em fazer uma boa reabilitação. A reabilitação não foi bem sucedida no seu todo, têm dificuldades de orientaçao e também podem estar às vezes a passar por alguma dificuldade de adaptação na sua própria vida particular. E isso faz com que haja aqui uma certa perturbação ao nível da aquisição dos conhecimentos dessas tecnologias.

[TJVG]: Quando estes mecanismos, por exemplo orientação espacial, tem alguma forma para avaliar essa capacidade, sem ser depois a parte funcional?

[IN]: Ele existir, existe. Nós temos aqui um teste que possibilitaria fazer a avaliação da orientação espacial só que os testes vieram para cá numa fase em que eu ainda nem era psicólogo e depois tiveram para aí perdidos e eu nunca consegui reconstitui-lo todo. Era um teste que tinha vindo de França e eu não fiz assim....também não sei se seria um teste de fácil aplicação por mim. Não sou capaz de dizer neste momento se poderia ser usado.

[TJVG]: De qualquer forma existe mas não está a ser utilizado? E para ajudar a equilibrar a capacidade? Tem algum mecanismos para compensar a fraca orientação espacial?

[IN]: Não lhe vou dizer que não haja mas nós não temos assim nenhuma prática que tente reverter a situação. Na reabilitação devem fazer exercícios a nível da mobilidade para melhorar essa orientação espacial. Mas não deve ser muito eficaz pelas casos que me aparecem.

[TJVG]: Essa orientação espacial reflecte-se a nível da mobilidade mas também, por exemplo, a utilizador um teclado ou na leitura de uma linha Braille?

[IN]: Na leitura da linha Braille talvez nem tanto porque é um espaço mais reduzido. E conseguindo determinar os limites da linha consegue-se. Mas pode-se reflectir um pouco num pequeno espaço de trabalho, sim. O trabalhar na Lateralidade, o esquerda e o direita, mas o que eu mais verifico é mais ao nível do grande espaço.

[TJVG]: Falou-me aqui de um conjunto de características. Falámos da idade e a altura da incidência da cegueira. E em relação ao tempo há que a pessoa é cega (cega há um ano vs cega há uma década)?

[IN]: Sim, isso há com certeza embora não faça nenhum estudo sistematizado disso há com certeza. Infelizmente há pessoas que nunca consigam ter uma aprendizagem de acordo com a sua adaptação à nova condição mas na sua grande maioria, sim..

[TJVG]: Aqui a minha questão até era ao contrário. Uma pessoa que é cega há dez anos pode ter desenvolvido outros mecanismos, e.g., tacto...

[IN]: Sim, tem realmente vantagens. Porque até mesmo se eles têm o facto de ser mais ou menos anos deficiente visual também até sobre a sua prática. Porque por exemplo tive cá um formando que quando chegou aqui lia uma página de revista em meia hora e quando saiu de cá lia em 7 minutos...um incremento de 400%, derivado à insistência que ele fez em tentar ler. Embora não tenha assim estudos científicos sobre isso mas desta observação intuitiva quer-me parecer que quanto maior for o tempo que a pessoa é deficiente visual melhor será o seu desempenho.

[TJVG]: Olhando ao contacto com telemóveis, acha que a experiência com outras tecnologias, por exemplo computadores, tem muita influência na capacidade de controlo de outros dispositivos?

[IN]: Eu acho que sim, que deve facilitar.

[TJVG]: Mas tanto numa pessoa cega como numa normo-visual?

[IN]: Sim, acho que sim. Até porque sei lá...estes conceitos: menus, sub menus, voltar atrás...há aqui certas aprendizagens que se generalizam. Que se transferem de um para o outro...n sei se o contrário acontece também. O telemóvel parece ser um caso mais particular de um funcionamento mais geral da informática. Do geral para o particular talvez seja mais fácil nestes casos.

[TJVG]: E relativo ao contacto prévio com outros telemóveis.....acha que facilitam a utilização de novos modelos?

[IN]: Sinceramente, não sei.

[TJVG]: Olhando para outras deficiências: precisão motora, força motora, destreza. É costume haver casos com outros problemas motores? Não multi-deficiência mas patologias que "atrapalhem" os outros sentidos?

[IN]: Aqui não é coisa que eu observe. Não me recordo de nada.

[TJVG]: Mas, por exemplo, em relação à audição já acontece algumas vezes? Pessoas com algum problema de audição?

[IN]: Sim, isso às vezes existe. Depois também há aqui ao nível das destrezas, isso nota-se que as pessoas quando perderam a visão muito novas...porque isso também tem vantagens e desvantagens...se a pessoa foi habituada a mexer nas coisas, teve uma estimulação adequada, se fez uma vida mais ou menos normal, tornam-se bastante eficientes; mas se foi o contrário, se o estimularam pouco, se não lhe deram oportunidades para que contactassem com as coisas, muitas vezes aquelas mãos não se desenvolvem suficientemente e as suas destrezas ficam prejudicadas.

[IN]: [... Demonstração de teste de destreza manual - condução de argola por fio de ferro...]

[TJVG]: Quanto tempo demora a fazer a sua bateria de testes a um possível formando?

[IN]: Faz-se em uma hora e meia, mais ou menos.

[TJVG]: Faz testes de destreza, várias características cognitivas...

[IN]: Aplico a escala de [VERIFICAR NOME COM O ENTREVISTANDO], QI, inteligência geral, memória a curto prazo, raciocínio lógico-abstracto, artimético, também o raciocínio verbal, através do vocabulário, tudo isso...também a nível de compreensão, temos um teste. Depois tenho este teste, avaliação da destreza, que só aplico quando as pessoas se candidatam ao artesanato. Mas provavelmente até o devia fazer em todos os casos.

[TJVG]: A nível de reconhecimento de formas conhece algum teste? BLAT? Formas com relevo?

[IN]: Eu tenho aqui um teste [--- Demonstração de TESTE que infere ORIENTAÇÃO ESPACIAL ---]

[TJVG]: Para a sensibilidade, faz alguma coisa ou coloca a pessoa a tentar?

[IN]: Coloco a pessoa a tentar.

[TJVG]: Então é um género de avaliação funcional?

[IN]: Sim, exactamente.

[TJVG]: Numa fase em que a pessoa ainda não sabe diferenciar as letras, primeiro diz as letras e depois tenta identificar, ou faz apenas relativamente ao número de pontos?

[IN]: Como eles quando chegam aqui já vêm da reabilitação mas quando pretendo saber (vejo que têm muitas dificuldades) e quero ver até que ponto são problemas de não discriminação, o que eu faço é escrever uma linha de pontos (duas letras), com simples diferenças, sem indicar letras. [--- Demonstração de impressão de duas letras Braille (G e X) ---]. O que importa é ter dois ou mais símbolos diferentes.´

[TJVG]: Posso fazer um teste de sensibilidade neuro-periférica e numa pessoa com neuropatia diabética a sensibilidade é pior. Mas por outro lado, se comparar entre uma pessoa cega e outra que tenha a mesma sensibilidade mas não seja cega, os resultados de percepção táctil serão melhores da pessoa cega.

[IN]: Sabe Tiago, a minha dúvida é que não sei até que ponto esta dificuldade das pessoas mais velhas têm no Braille se é a nível de sensbilidade se é a nível central.

[TJVG]: Então temos os testes clínicos e por outro lado temos os testes funcionais. [--- Explicação dos testes clínicos ---] A maior diferença está na sensibilidade ou na capacidade funcional, na percepção que têm?

[IN]: Tenho de pensar.

[TJVG]: Obrigado! (..)

# Interview #4

[TJVG]: Trabalha com pessoas cegas há quanto tempo?

[IN]: Há 27 anos. Dois anos no CRNSA e o resto do tempo na Fundação Raquel e Martin Sain.

[TJVG]: Em que área?

[IN]: Terapia Ocupacional, Reabilitação e Formação.

[TJVG]: Com quantas pessoas cegas já trabalhou?

[IN]: Eiii...tantas. Mais de cem. Juntando as pessoas da reabilitação e formação muito mais de cem. Centenas.

[TJVG]: Aqui na Fundação, todas as pessoas passam por si?

[IN]: Antigamente passava, na Reabilitação. Agora só passa quem vai para o curso dos Telefones, em que dou formação.

[TJVG]: Comparando os locais, CRNSA e FRMS, a nível de grupos, são populações diferentes?

[IN]: Não. Naquela altura em que nós também fazíamos reabilitação, não. E agora também não. Eles saem de lá e vêm para aqui. Em princípio, pressupõe-se que uma pessoa para fazer formação, tem de estar reabilitada. Portanto, em princípio, neste momento só existe o CRNSA, fazem lá a reabilitação e só depois podem ir fazer Formação e eventualmente vêm aqui parar.

[TJVG]: As populações não serão diferentes. Agora, a nível individual, em ambos os locais, nota muitas diferenças entre as pessoas cegas?

[IN]: Não. O que eu acho é que as pessoas...há menos cegos totais, há mais pessoas com resíduos visuais. Naturalmente, com o avanço da medicina, operações aos olhos e tal. De resto, não acho.

[TJVG]: As capacidades funcionais, mais no trabalho com dispositivos electrónicos, computadores e telemóveis, as capacidades das pessoas cegas variam muito?

[IN]: Variam um bocadinho. Há pessoas que têm grande aptidão para estas coisas, há outras que não. Por mais que nós estejamos ali, a coisa não é fácil. Mas aí eu acho que não é por ser cego.

[TJVG]: Mais do que entre as pessoas normo-visuais?

[IN]: Não, acho que não é por ser cego. As pessoas já não têm apetência para isso. Eu conheço pessoas que veêm e também não gostam destes bichinhos. Se bem que os cegos depois como desenvolvem outras capacidades e portanto isto é uma grande ajuda para eles, tanto o computador como o telemóvel, e acabam por desenvolver. Quer dizer, às vezes estão tanto tempo a ouvir que acabam por avançar. Por exemplo, eu tenho alguns casos destas pessoas que ao princípio nem queriam ver um computador e depois sabem muitíssimo mais do que, mas muítissmo mais. São barras nisto. Quando tenho alguma dúvida é a eles que vou perguntar.

[TJVG]: Nessas pessoas realça alguma característica?

[IN]: Sim, porque de facto são pessoas extraordinários. Mas não tem a ver com a cegueira porque já eram. Já eram pessoas extraordinárias. Claro que com a cegueira, portanto, elevaram ao máximo as suas outras capacidades, os outros sentidos. Portanto, estão ao nível de antes de cegar. De facto, as pessoas perguntam..mas ele não vê nada...e de facto não veêm nada.

[TJVG]: Quando fala de capacidades especiais, quer a nível cognitivo ou motivacional, mas falou também que há uma grande evolução dos outros sentidos. O que é que realça nesse ponto?

[IN]: O que realço mais é o tacto e depois também a concentração e a atenção. De facto, eles acabam aí por desenvolver mais. Principalmente na minha área de formação, que é os Telefones, eles precisam mesmo de desenvolver a atenção, a memória e o tacto, claro. E, de facto, para eles também é essencial um computador. O computador não é para realização pessoal, é mesmo para trabalho. É uma coisa que eles têm mesmo que batalhar um bocadinho. Depois há pessoas que são barras e há outras...

[TJVG]: Depois há estes casos de sucesso e insucesso. Quando as pessoas cá aparecem conseguem logo identificar quais serão esses casos?

[IN]: Às vezes consigo. Não me pergunte porquê. Já o Carlos (Psicólogo da Fundação) me pergunta isso. Sabe, são muitos anos nisto, está a ver? E, portanto, eu olho para as pessoas e só numa simples conversa vejo logo que esta pessoa que está aqui vai ter dificuldades, aquela não vai ter nenhumas...não lhe sei explicar porquê.

[TJVG]: Mas aí será mais a nível cognitivo?

[IN]: A nível cognitivo, sim.

[TJVG]: Mas em relação à causa da cegueira, por exemplo, dará alguma pista?

[IN]: Sim, dá pistas. Por exemplo, um diabético poderá não ter muito tacto. Mas já encontrei pessoas diabéticas, umas que não têm tacto nenhum e outras que até têm. Isso aí varia um bocadinho. A esse nível não consigo identificar logo mas se a pessoa estiver ali um bocadinho a falar, às vezes consigo perceber, sim.

[TJVG]: Sei que o Dr. Carlos faz os testes. Tem essas conversas antes de fazer esses testes?

[IN]: Sim, às vezes tenho. Ele chama-me para ouvir um bocado das conversas quando faz os testes, ouço um bocado e depois saio. E depois falamos um bocado. Há algumas coisas que o Carlos faz a nível de avaliação, da avaliação que ele faz, que depois quando eles vêm depois para mim eu digo...desculpa lá, isto não é assim...e ele diz que na avaliação a pessoa até...mas depois a pessoa na prática, as coisas saem um bocadinho diferente. Ou porque a pessoa já sabe aquilo de cor, ou porque já vai preparada, não sabemos ainda muito bem.

[TJVG]: Então também acha que uma avaliação funcional não baterá necessariamente certo com uma avaliação mais clínica/teórica?

[IN]: Sim, às vezes há coisas que fogem. Muito provavelmente porque a pessoa ou já sabe as respostas ou está concentrada em dar as respostas certas e depois quando na prática, já está mais descontraída, e a pomos a fazer qualquer coisa...

[TJVG]: Para as tecnologias assistivas que conhece de acesso ao computador, que características é que normalmente exploram?

[IN]: Comigo exploramos tudo. Tudo o que puder facilitar, tudo o que eles puderem aprender, nós exploramos tudo.

[TJVG]: Alguma tecnologia dessas que realce, que eles consigam utilizar muito bem?

[IN]: Eles utilizam, acabam, como eu disse há pessoas que são barras, e todos eles acabam, eu estou a falar da minha formação, a saber muito bem o Jaws e antes de sairem já estão à procura de outras coisas. De facto, eles ficam lá com o bichinho e eles andam sempre à procura de mais alguma coisa. GPS, nos telemóveis, softwares, que vai sair, que já experimentaram...é engraçado.

[TJVG]: E conhece casos de pessoas que passam por esse processo de aprendizagem mas que depois têm dificuldades e não conseguem fazer nada?

[IN]: Sim, também há. Há pessoas que é complicado. Utilizam mas levam muito mais tempo.

[TJVG]: Tem algum padrão ou características que essas pessoas partilham?

[IN]: Não. Eu também tenho amigos que não usam isto. Porque não gostam, não querem, acham uma chatice. Que chatice estar aí. Que chatice aprender isto. Hoje em dia já nem se compreende. Mas também há. E os cegosé exactamente a mesma coisa. A mesma coisa não é bem. Nós vemos, eles não vêem. Isto é uma coisa muito importante para eles, eu acho. Não consigo achar assim nenhum padrão.

[TJVG]: Por exemplo, falou nos diabéticos em que o tacto se pode alterar. Nota algum outro factor que possa ter impacto quer a nível cognitivo, quer sensorial?

[IN]: Não. Não acho assim...

[TJVG]: Na sua opinião, em geral, que características é que uma pessoa deve deter para se dar bem com tecnologia. Como seria a pessoa cega ideal neste contexto?

[IN]: É uma pessoa que tem a nível cognitivo, sensorial, tudo no máximo. De facto, está lá tudo. Se temos uma doença neurológica, a coisa...aí podemos ter outros problemas. Tumores,...de a pessoa não conseguir aprender...de facto, há ali problemas que afectaram outra zona. Aquela pessoa provavelmente não vai conseguir fazer mais do que aquilo que ficou. Eu tenho lá em baixo um rapaz que também cegou....mas tem um tumor, mas que não o incapacitou, sabe imenso de informática...quer dizer, isto não é...depende das lesões que a pessoa tem, depende, depende. Para ser de facto um barra tem que estar muito motivado para isto, começar-se a criar a motivação. Há pessoas que chegam aqui, aliás a maior parte das pessoas que chega aqui já sabe qualquer coisinha mas depois temos que lhe criar este bicho da motivação, de querer aprender mais, evoluir mais....não é difícil. Depois, uns com os outros, eles caminham bem, andam para a frente. Depois é ter as capacidades todas, cognitivas, sensoriais, todas no máximo.

[TJVG]: Nota por exemplo, que a idade tem influência nas capacidades?

[IN]: Sim, claro. Mas, a minha formação tem as pessoas mais jovens. Porque é um curso muito virado para o emprego e portanto tenho pessoas com menos de 50 anos. Portanto, eu para entrar no mercado de trabalho não posso ter pessoas como há por exemplo nos têxteis. Portanto, as pessoas têm de ter o 9º ano, como deve ser, têm de ter capacidades para aprender...não é? Não é dizer que a posição de telefonista é muito complicada, porque não é. Mas há pessoas que aqui chegam que não têm sequer capacidade para o ser. Portanto é o grupo mais jovem digamos, do que os grupos dos outros cursos que aqui temos. Portanto, claro que quando a pessoa é mais velha terá talvez mais dificuldade em aprender que outra nova, mas também não é taxativo.

[TJVG]: Dizia que tem de ter capacidades para aprender. O que é que realça aí nessas capacidades?

[IN]: Realço a memória, realço a concentração e a comunicação. É muito importante a comunicação. Porque de facto a pessoa vai ser telefonista e vai ter de conseguir falar....e há aqui pessoas que...não conseguem...

[TJVG]: Na tarefa de telefonista, a altura em que a pessoa ficou cega, tem influência no sucesso? Nota diferenças entre os diferentes grupos?

[IN]: Quer dizer, no final se calhar não noto. Mas, em princípio um cego congénito....isto tem duas vertentes, ou seja, um cego recente já viu e portanto e há coisas que ele sabe que os outros não sabem, quer dizer, já viu...já experimentou, não é, o ver. Portanto há algumas coisas que já não é preciso dizer porque ele já sabe como é. Um cego congénito tem muito mais dificuldade porque nunca viu. E, das duas uma, ou lhe ensinaramm, não é..... Por exemplo, já houve aqui pessoas que não sabem o que é um peixe, nunca tinham visto um peixe...Ou lhe ensinaram ou realmente teve alguma situação que teve de acelerar, ou senão, é complicado. Por outro lado, o cego congénito também já teve uma série de anos, em que possivelmente já utilizou durante uma data de anos estas tecnologias assistivas, as ajudas técnicas, que os outros....

[TJVG]: Quer dizer que o tempo de cegueira, a experiência sendo cego, também influencia?

[IN]: Sim, sim.

[TJVG]: A nível de características motoras, precisão, destreza, também nota influência?

[IN]: Em princípio, os cegos congénitos são treinados mais cedo do que os outros. Nós usamos pouco a nossa....nós somos muito visuais, eu não preciso mexer aqui para saber que isto é liso. E eles têm de mexer.

[TJVG]: Para além disto, a nível mais geral, existem algumas situações, que não sejam da pessoa em si, que têm a ver com o contexto ou local em que a pessoa está, em que se nota que tem mais dificuldade. Algum sítio ou alguma razão do ambiente que a envolve que dificulta a utilização de dispositivos?

[IN]: Vamos lá ver, o que eu acho é que em algumas situações, porque eles se sentem observados, porque sabem que toda a gente está de olhos neles, isso às vezes ficam mais constrangidos, mas não é muito grave. O meu trabalho também é muito isso: Vocês agora vão fazer isto para aqui, vocês são os macaquinhos no circo, eles sabem isso, há que prepará-los para isso. Aliás, eu saio muitas vezes com eles e a conversa começa logo aí e portanto eles sabem que estão a ser observados e isso, de facto, a pessoa fica um bocadinho, fecha-se um bocadinho mas é uma coisa que leva pouco tempo. Leva pouco tempo, é. Depois, eles naturalmente, rapidamente, voltam ao estado normal.

[TJVG]: Destas características que falou, por exemplo, não sei se tem pessoas diabéticas na sua formação, mas as neuropatias serão coisas que se notam?

[IN]: Nos Telefones não. Porque os telefones têm umas teclas mais ou menos salientes, mais ou menos grandes, e o tacto ajuda. Quando eu falo em dificuldades no tacto são pessoas que não conseguem ler o Braille, são pontos muito chegados, muito pequeninos. Nestas teclas (do computador) que às vezes são muito juntas temos que arranjar alternativas, por vezes teclados mais espaçados.

[TJVG]: Para telemóveis, com teclas muito juntas, também terão esses problemas?

[IN]: Com os telemóveis, inexplicavelmente, quase todos conseguem usar, melhor do que eu, quase todos. Por acaso, não conheço nenhum que não trabalhe. Tem graça. Mas de facto tem as teclas mais juntas. Mas são menos que estes teclados (do computador). Estas são muitas e a pessoa...há aqui muito pouca diferença.

[TJVG]: Ou seja, a etiqueta no meio nos telemóveis acaba por ser suficiente?

[IN]: Sim. Depois arranjam aí...

[TJVG]: Pronto! Resta-me agradecer-lhe imenso a atenção dispensada e o excelente contributo que me deu. Espero não daqui a muito tempo dar algum retorno. Muito obrigado.

[IN]: Obrigado!

# Interview #5

[TJVG]: Há quanto tempo trabalha com pessoas cegas?

[IN]: Há 30 e tal anos.

[TJVG]: Ao longo desses anos, que funções teve?

[IN]: Fui técnica dentro da minha área e depois quando passámos para a área de formação transitei para a terapia ocupacional, já na área da reabilitação, tive de adquirir algumas capacidades, fiz alguns cursos e passei ao sector da tecelagem, tapeçaria e macramé.

[TJVG]: Em que locais trabalhou?

[IN]: Sempre na Fundação.

[TJVG]: Com quantas pessoas cegas, aproximadamente, já trabalhou?

[IN]: Sei lá, umas 50, 60, talvez 100.

[TJVG]: Tinha-me dito que trabalhou também com crianças. As populações com que trabalhou eram bastante diferentes? Crianças e agora uma população mais idosa.

[IN]: No período da reabilitação, e mesmo agora ainda há pouco tempo tive um jovem de 15 anos na minha sala, as idades foram sempre muito diversas. E por acaso transitei dos adultos para as crianças por achar que havia muitas lacunas e continuo a achar na educação infantil, e porque isso era um dos meus objectivos, trabalhar com as AVDs com crianças. E o que são as AVDs? É toda a autonomia pessoal, desde o vestir-se, o despir-se, o estar independente em casa, a postura, usar a colher, da faca...que só utilizando os utensílios é que o individuo cego de nascença pode ter uma postura comum, porque encontravam-se há anos atrás muitos indivíduos cegos de nascença com uma postura defeituosa ou menos comum, limitada, porque cresciam em meios muito isolados, não interagiam com os objectos e ficavam...onde é que punham as mãos, onde é que punham as pernas....havia muitos jovens que viviam com os ditos ceguismos, que eram os gestos como balançar, enfiar o dedo no olho...era um período muito severo em que as crianças não interagiam com o mundo. Foi este lado que me fez contactar com crianças e constatei que era importante elas interagirem e muito, ir à terra, à àgua, encher, despejar, os gestos...isso é uma outra versão porque gestos muito simples...dinheiro, o juizo...que um indivíduo cego...o Dr. Carlos queixa-se imenso de ter falta de gestos para comunicar com um aluno que temos que é surdo e cego. Notou-se sempre essa lacuna em relação às crianças cegas que vinham de instituições, asilos....agora há uma maior cobertura, creches, jardins de infância e a situação alterou-se completamente.

[TJVG]: Em relação a essas populações, haverá logo uma característica que diferencia bastante as pessoas?

[IN]: Muitas vezes chegavam aqui jovens quase como crianças. Cegos com cegueira recente a diferença é muito grande. Agora essas pessoas que vinham de asilos e casas com falta de interactividade com o meio ainda com muitas dessas características que já não se conseguiam alterar. Umas sim outras não.

[TJVG]: Essa experiência, esse conhecimento, existe algum nome para caracterizar isso?

[IN]: O quê?

[TJVG]: Essa experiência, o comportamento básico?

[IN]: Não consigo dar-lhe um nome. Usava-se muito os ceguismos. Agora não lhe consigo dar um nome para a característica. Não sei.

[TJVG]: As capacidades funcionais, particularindo trabalhar com computador ou telemóveis, variam muito?

[IN]: Variam tanto como nos outros.

[TJVG]: Era essa a minha pergunta. Mais do que entre normo-visuais?

[IN]: Sei que esta área à qual eu fui contra ao início...eu dava dactilografia e a área transitou um bocado para o que temos hoje. A escrita à mão também muito importante e tem sido abandonada. Aparecem muitas pessoas que não assinam o BI. Nós, nos período da reabilitação, isso era super grave...tinham de assinar o BI. Acho que isto tem dado uma abertura imensa às pessoas. Depois da primeira reacção... Por si só, não dá emprego mas todo o nível de comunicação que permite, e permite aos profissionais de áreas mais intelectuais outras capacidades. Mas também vejo outra população lá fora, universidades seniores, a por em prática isto, não é.

[TJVG]: Eu agora vou pedir-lhe para recorrer à sua memória, e pensando em casos possíveis, quer seja na dactilografia, quer seja usar um computador, qualquer coisa que exija determinadas capacidades, quais acha que são as características que podem dificultar mais um comportamento ou aprendizagem normal?

[IN]: Em relação às novas tecnologias?

[TJVG]: Novas e antigas.

[IN]: O que sobrepõe acima de tudo é a ambição e o querer. Depois, dependendo da idade, da experiência profissional ou e aí mais recentemente, de doenças que têm aparecido há anos atrás, isso pode dificultar-se um pouco. Mas penso que o querer e um pouco de cultura geral ou um pouco de cultura específica em relação às novas tecnologias. De um modo geral, as pessoas estão muito receptivas a este domínio da vida. Se bem que algumas não atingem certos níveis, não atingem....o seu nível intelectual não permite tanto. Eu costumo dizer que quem é bom em matemática, entra na tecelagem assim. Costumo recorrer às minhas alunas de raciocínio aritmético e matemático....as pessoas que têm um bom raciocínio absstracto, raciocínio artimético, têm muito boa capacidade nisto. E podem nem ter a 4ª classe. Quem for bom na tecelagem também é bom na informática.

[TJVG]: Acha que há características que facilitam então estes primeiros impactos?

[IN]: Sim. Eu acho que há características que todos nós temos mas que os cegos têm que explorar mais e nem é tanto o tacto mas sim a orientação espacial. E tem duas vertentes, o espaço pequeno e o espaço grande. Há pessoas que têm uma filazinha de nós e que facilmente consegue fazer o trabalho e noutra os fios perdem-se, desaparecem, trocam-se. Isto é o espaço pequeno e depois há o espaço maior, quando é preciso pegar em algo à volta. E isto sobrepõe-se ao tacto. Há um estudo que tivémos acesso onde foram experimentar o tacto com pessoas normo-visuais e cegas e o tacto era idêntico. Esta capacidade de orientação e divisão do espaço, cruzar os braços e as mãos, isso é uma chatice. A orientação é muito importante.

[TJVG]: Dos seus alunos, consegue identificar quais os alunos que dominam mais dispositivos móveis?

[IN]: São esses mesmos, os do raciocínio aritmético, abstracto, orientação no espaço. Há aqui um senhor que tem um nível de escolaridade mínimo mas é empenhado e tem raciocínio aritmético, uma capacidade de orientação extraordinária...esses dominam muitos os telemóveis.

[TJVG]: E o outro grupo, quais as dificuldades que faz com que o outro grupo tenha mais insucesso?

[IN]: Eu penso que precisam de estudar um pouco mais a lição. Quando a gente pensa em adultos precisa de se aplicar um bocadinho mais. Porque na infância pode-se encontrar estratégias mais adequadas. Por exemplo, o meu marido é um acérrimo defensor da matemática e não está de acordo com as pedagogias actuais...mas é um bocado isso. Portanto, boa memória e não sei quê. Se bem, que alguns terão sempre alguma dificuldade. Conheço uma jovem diabética que é muito conhecedora, mas tem uma diabetes infantil, e consegue dominar. O Dr. Carlos faz os exames psico-técnicos e depois é encaminhada para o curso de têxtil, enquanto os dos telefones acham que são superiores, e já tem acontecido fazer os testes não vai conseguir fazer nada de jeito e depois na prática faz porque gosta das coisas, porque adere.

[TJVG]: A atitude e motivação são sempre importantes. E a altura de aquisição da cegueira (congénita ou tardio) influencia na capacidade de usar dispositivos?

[IN]: Os cegos congénitos têm muita facilidade ena apreensão dos dispositivos mas depois há excepções e o intermédio, pessoas que adquiriu a cegueira em fase muito jovem e também....na reabilitação se aparecia um jovem de 18 anos acabado de cegar, aos 28 ele já era doutor....portanto não se pode dizer, cegos tais, cegos tais...

[TJVG]: É portanto uma escala contínua...

[IN]: Sim, é é. Mas realmente acho que os cegos congénitos têm realmente uma facilidade. Depois os cegos mais tardios têm mais dificuldade.

[TJVG]: Falou de raciocínio. O grau de literacia também é influente?

[IN]: Não acho. Adoro quando aparecem pessoas quase analfabetas e dominam [..exemplo..] Precisão e acuidade manual eram realmente importantes.

[TJVG]: A nível de memória. O que acha?

[IN]: Isso é que acho que nós próprios descuramos. A memória tem muita influência e deveria ser mais explorada. Por exemplo, nessas novas tecnologias acho que até deveria haver forma de repetir de vez em quando as instruções. Isso é que é uma capacidade que a pessoa precisa de ter.

[TJVG]: Então e nota que há pessoas que têm mais?

[IN]: Isso é a idade que conta. Num determinado período da vida, a gente sabe que é assim.

[TJVG]: Em relação à repetição de instruções que falou, acha que colmataria uma falha?

[IN]: Sim, porque eles vão fazendo isso uns com os outros. Serve para refrescar o conhecimento.

[TJVG]: Quanto está a dar formação também se sente tentada a refrescar os conhecimentos?

[IN]: Sim e às vezes até nem é muito a aprendizagem mas sim relembrar coisas que já fizémos. Mas isso é uma dinâmica até institucional que deve haver. É fundamental. No fundo é formação contínua.

[TJVG]: A nível motor, há problemas de sensibilidade, mas para além dessas falhas existem outros problemas ou não?

[IN]: A retinopatia diabética também varia muito de pessoa para pessoa e a idade. Depois o lado psicológico. Quando isso se junta tudo no negativo é tremendo. Outras situações, pessoas com acidentes, muito tempo em coma, é uma carga de trabalhos. Há zonas do cérebro que são afectadas e a gente às vezes nem consegue perceber porque fez aquilo e não fez aquilo. Mas acontece muito com os acidentados de automóveis. Perdem a visão e outras capacidades. Às vezes nem são situações muito graves, a situação parece recuperada mas há ali uma perda. Indivíduos um bocado inacabados. Às vezes conceitos simples de lateralidade, a esquerda e a direita.

[TJVG]: A lateralidade inclui-se dentro da orientação espacial?

[IN]: A lateralidade é o nosso direito/esquerdo e é muito importante na infância. Explorar a lateralidade na infância é muito importante. Os jardins de infância estão muito atentos a isso. A seriação por cores, objectos, isto e aquilo, e depois o movimento da criança. A lateralidade no adulto, então se for o tal adulto do acidente, é capaz de ficar muito acidente. Mas aconteceu-nos muito vezes nos cegos congénitos isso da lateralidade. O virar...há pessoas que andam completamente à roda. O percurso que eu considero das pessoas que mais conseguiram realizar-se completamente eram as pessoas do mundo rural. Faziam o seu trajecto, mas não em casa escondidos,...a mulher que era cega mas que lhe era exigido que fizesse a comida, etc...ou o homem que não conseguia fazer tudo mas tinha que ajudar. O mundo rural é muito completo, muito perfeito. As pessoas interagem com o meio. O indivíduo ali pode completar-se....não é nos espaços da rua, cuidado com o automóvel. O mundo rural permite a toda a gente o contacto com a natureza, a experiência. Podia-se não falar muito em direita e esquerda mas naturalmente a pessoa se ia integrando e seguia a sua vida. (...) A orientação espacial o que se nota é que a pessoa que nao se orienta no espaço grande, depois era uma aflição nos têxteis.

[TJVG]: [Agradecimentos]

# Interview #6

[TJVG]: Há quanto tempo trabalha com pessoas cegas?

[IN]: Eu trabalho com pessoas cegas... há 20/21 anos.

[TJVG]: Ao longo desses anos que funções teve junto da população?

[IN]: Então, eu fui técnico de Braille, fui um formador em várias áreas no âmbito de cursos de formação, também de braille, de psicologia das organizações, matemática para a vida, e ,entretanto, também fui bibliotecário e, actualmente sou psicólogo aqui na ACAPO e, por um lado, acompanho os cursos de formação e por outro lado também dou formação em alguns módulos. E entretanto, externamente à ACAPO, já fui terapeuta indidivual,conjugal e familiar, e também já dei algumas aulas a pessoas cegas.

[TJVG]: Se conseguir, se for possível estimar um número, com quantas pessoas cegas já trabalhou?

[IN]: Trabalhar mesmo?

[TJVG]: Ter dado formação, acompanhado, ensinado,...

[IN]: Hmm não sei...

[TJVG]: Seria assim para as centenas, dezenas?

[IN]: Sim, umas 150 pessoas. É difícil porque às vezes as pessoas mudam, às vezes são as mesmas. Mas sim, com pessoas cegas e amblíopes, umas 150.

[TJVG]: As pessoas com que trabalhou, nesses vários contextos, eram populações diferentes, i.e. jovens e idosos,..?

[IN]: Sim, pessoas diferentes? Desde jovens, alguns com necessidades especiais além do problema de visão, até pessoas com mais idade porque, repare a maior parte...isto falando só da população que trabalhei, com cegos e amblíopes...por exemplo, na biblioteca recebíamos pessoas com desde os 7, 8 anos até pessoas com 80 e se não tivessem capacidade para ler Braille, a biblioteca também tinha uma componente sonora e aí adequa-se ao tipo de população. Depois, na formação aí já é um pouco diferente. Têm que ser pessoas com pelo menos 17 anos, 18, pessoas que tenham uma idade...porque a ideia aqui da formação é preparar pessoas para o mercado de trabalho, e até uma idade razoável, 55, 60 anos, até uma altura em que justifique haver formação em que as pessoas depois vão para o mercado de trabalho. Depois, os outros utentes no Âmbito da psicologia, também é muito variado, quer as idades, o sexo, e outras coisas assim.

[TJVG]: De todas essas vertentes, falámos na idade, mas as pessoas serão diferentes noutros aspectos. No seu trabalho, a ensinar Braille, que diferenças é identifica como as maiores, ou aquelas que a nível de sucesso se diferenciam mais?

[IN]: Em primeiro lugar, aqui uma coisa que é aquilo são as pessoas com deficiência visual. Não sei se o Tiago trabalha mesmo só com cegos mas a regra geral considera-se que.....por exemplo, aqui em relação aos sócios da ACAPO, as pessoas com deficiência visual são pessoas que após correcção óptica tenham menos de 40% de visão, ou se quiser, mais de 60% de incapacidade visual. Qual é que é aqui a questão? Considera-se regra geral que, grosso modo porque isto é... não tenho aqui as tabelas, considera-se que uma pessoa que não tenha mais do que 40% de visão, isto após correcção óptica, terá um problema de visão, como nós podemos ter outros problemas, dores de costas,..., mas é só um problema, com o qual a pessoa vive. Há muita gente que tem problemas de visão e conduz,...é um problema que a pessoa tem como outros na vida. Quando o grau de visão que a pessoa tem é inferior a 40%, mesmo após correcção óptica, o que se considera é que o problema já é suficientemente pesado para que deixe de ser apenas um problema e passe a ser considerado uma deficiência. Por isso, pessoas com deficiência visual são pessoas cujo grau de visão é inferior a 40%. Aqui, digamos que então os diferentes tipos que eu identificaria, para começar, seriam 2 ou 3 grupos diferentes. Nós aqui falamos de cegos mas aqui a ACAPO, nós não damos apoio só a cegos. Por exemplo, o que eu lhe disse com quem trabalhei, alguns eram cegos, de facto, mas muitos outros tinham alguma visão, embora dentro da tal escala. Se quiser nós costumamos dividir isto em 2 ou 3 grupos. Se calhar, um primeiro grupo que são as pessoas cegas ou com resíduo visual. Se calhar, de grosso modo, dos que não veêm nada, como eu, até ao 1%, que são pessoas que quanto muito identificam luminosidade, que já não é mau de todo, melhor do que um cego, dá pelo menos para saber se está de noite ou de dia, se a luz está acesa ou apagada mas não dá para mais do que isso. Depois, terá o grupo dos amblíopes. Os amblíopes são as pessoas que têm baixa visão. Andarão então entre os tais 1% até aos 40%, em que há outra vez dois grupos. Um grupo, eu troco sempre quais são os pequenos e quais são os grandes, mas há um grupo, eu até parece que são os grandes amblíopes, que vai para aí entre o 1 % e os 5, 10% de visão, e estas pessoas são pessoas que já conseguem identificar vultos mas não identificam rostos, são pessoas que não conseguem identificar cores a não ser que sejam cores com grande contraste, isto em alguns casos, e são pessoas que de todo não conseguem sequer ler mesmo que seja em ampliação. Claro que se calhar há algumas que com ampliação 52...mas aí não é razoável...ter um ecrã de computador, com letra 52.. mas estes são os grandes amblíopes. Depois haverá os outros, entre os 10 e os 40%, que se calhar podemos dizer que seriam pessoas que se o mundo fosse reduzido, entre aspas, à sua dimensão, à dimensão que os seus olhos alcançam, teriam uma vida normal. São pessoas que já identificam rostos, não a demasiada distância, já identificam cores, são pessoas que passando folhas de A4 para A3 ou com uma lupa conseguem ler livros normais, sem precisar de mais adaptações. Agora é claro que estas pessoas têm necessidades diferentes. Agora outra coisa que interessa e baralha um bocado isto tudo mas é assim, que é, eu não diria que cada caso é um caso, mas a diferença visual por sua natureza é muito diverisificada, porque repare, em primeiro você pode ter cegueira por variadas causas, uma pessoa pode cegar aos poucos, ao longo da vida ou pode nascer já cega, pode cegar ou pder visão por causa de um tumor cerebral e aí são lesões neurológicas, pode perder visão por ter um acidente de viação, de mota, e portanto causou os problemas visuais, pode ter tido problemas como, por exemplo a diabetes, que têm várias consequências como por exemplo a cegueira e a perda do tacto, mas também tem pessoas com glaucomas, portanto coisas mais específicas dos olhos, retinites pigmentares, há uma outra coisa genérica mas que também dá problemas de visão que é por exemplo, a arteroesclerose múltipla. Portanto, tem uma séria de causas, umas delas directamente ligadas a problemas de visão, outras são doenças ou deficiências mais generalizadas mas depois têm tradução também nos olhos, e depois as lesões de acidentes. Tudo isto dá uma multiplicidade imensa de hipóteses, ou seja, por exemplo no caso do seu trabalho com telemóveis, repare você pode ter pessoas que têm visão tubular, que de facto é aquela que é oficial, que veêm como se fosse por um canudo, em que aí podem ver quase a 100%, em frente, mas que de lado não veêm nada. Se houver um poste de lado batem com a cabeça num poste porque visão lateral não tem nenhuma. Tem o oposto, tem pessoas que a um metro de distância não veêm nada, praticamente nada, mas se se puserem de lado veêm tão bem como o Tiago. Portanto, têm visão periférica e não têm visão central. Tem pessoas que dependendo de ser os cones ou os bastonetes, se for só um tipo de células com problemas a nível da retina há pessoas que se calhar de dia conseguem guiar automóveis e de noite têm de usar bengala, e tem o contrário, pessoas que de dia usam bengala e à noite conseguiriam conduzir, pessoas que olham para o ecrã de um computador e têm problemas de cansaço, é a mesma coisa com um telemóvel, olham para lá um quarto de hora, começaram muito bem mas ao fim do quarto de hora não veêm nada, portanto, problemas de cansaço. E depois tem todos os outros tipos. Isto só para dar uma ideia, há muita variedade, há pessoas que só veêm de um olho por exemplo, ou seja, agora podemos pegar nestes problemas todos e pensar o que pode acontecer se um olho for cego total e o outro acontecer isto, tem essas hipóteses todas.

[TJVG]: Eu agora posso ajudar a restringir. Eu quando falo de pessoas cegas, incialmente seriam pessoas cegas totais mas, na verdade, o que estou a tentar considerar são as pessoas ou cegas, ou cujo resíduo visual que têm não ajuda de qualquer forma no trabalho com dispositivos. Portanto, talvez entre os 0 e 1%, ou então até um bocadinho mais até aos 5%.

[IN]: Aí, claro que eu teria que reduzir os meus 150 para um bom bocado menos. Como lhe digo, esta casa dá apoio a cegos e amblíopes. Os cegos serão muito menos. Acho que no CENSOS 2001 haveriam em Portugal qualquer coisa como 164 000 deficientes visuais mas os cegos eram 64 000. Depois, entre os cegos mesmo, aqui você tem outra divisão que tem a haver com duas coisas. Um factor é, um factor mais natural, evidentemente, uma pessoa que nasce ou cega cedo, menos de 3 anos, tem uma outra disponibilidade para aprender e para, coisas relacionadas com cegos, do que pessoas que cegam mais tarde. Antes que mais, porque tudo é uma questão de treino. Isto é a tal coisa, uma coisa é ensinar Japonês, Inglês, Português a um bébé de um mês...ou seja, pega-se num bébé de um mês, leva-se para um lado qualquer e, de certeza, que se ele voltasse 20 anos depois, se tivesse estado no Japãp, falaria tão bem Japonês, como se tivesse estado 20 anos na China falaria chinês....era igual. Aqui é o mesmo. Uma pessoa que apanha de raíz vai aprender tudo melhor. É como aprender a tocar guitarra. Aos 8 anos não é o mesmo que aprender a tocar guitarra aos 40 por muitas aptidões que a pessoa de 40 tivesse para tocar guitarra. A verdade é que perdeu toda aquela fase de desenvolvimento da motricidade fina e de uma série de coisa...o talento está lá mas depois as mãos já não respondem, não tiveram esse treino. Pronto, aqui é o mesmo. Ou seja, uma pessoa que aprende cedo, o que vai acontecer é que todo o seu desenvolvimento vai envolver as coisas que tenham a ver com as pessoas cegas, ou seja, o Braille, que desenvolve bastante o tacto, a mobilidade, usar a bengala, o que melhora imenso as capacidades auditivas, no que tenha a haver com o aprender uma série de sons e coisas que o ajudam a localizar-se e a situar-se no espaço, e depois também....mesmo ao nível da informática e assim, o aprender bem certas coisas. Olhando para mim, por exemplo, a minha prática...com 8 anos, entrei para a escola primária, ao fim de um ano ou dois estou a aprender Braille...a minha esposa, ela também só vê 5%, ela aprendeu Braille aos 24 e os professores que lhe ensinaram disseram que ela foi das pessoas que melhor aprendeu das que lá passou (foi no centro da nossa senhora dos anjos). Ora bem, mesmo assim e eu não sendo nenhum herói, leio bem Braille e gosto de ler, a verdade é que a minha mulher sendo uma das melhores alunos do curso lê a metade do ritmo que eu leio sem esforço. Porquê? Pelo simples facto de estarem aqui 16 anos de diferença no Braille...esta é a diferença entre os 8 e os 24...não tem nada a ver. Portanto, se tivesse aprendido ao mesmo tempo que eu, até era mais rápido do que eu. É diferente o tacto desenvolver-se cedo, como aconteceria com um bom tocador de piano, viola, é a mesma coisa. Depois, há outra coisa importante....isto em relação ao tacto que é as pessoas que aprendem cedo as coisas relacionadas com os relevos trabalham nisso de uma maneira diferente do que se aprenderem mais tarde...eu tenho duas filhas gémeas de 5 anos, elas veêm bem as duas e a Fátima a brincar com elas com puzzles, legos, cubos, peças pequenas reconhece que...eu consigo fazer isso porque de pequeno a mexer em legos e coisas dessas, já cego. Se calhar, se tivesse habituado a pegar nas coisas e meter no sítio, apoiado na visão, se cegasse agora, teria muito mais dificuldade a brincar com elas. Isto ajuda, portanto, a nossa motricidade fina a desenvolver-se e depois a mexer nas coisas. Isto é um factor. Um outro factor que eu acho importante, também ao longo do tempo, tem a haver com a resistência. Ou seja, uma pessoa é diferente se nasce cego ou cega cedo, se perde a visão aos poucos até se ficar cego ou se tem um acidente, ou qualquer coisa de repente, e a pessoa cega já em adulta. Então porquê? Porque um cego que cega cedo encara melhor. Digamos que tem a grande desvantagem de nunca ter visto como o Tiago vê mas em contrapartida tenho a vantagem de ter logo aprendido ao meu jeito e das maneiras que fossem rentáveis e úteis para mim. Quando a pessoa vai perdendo visão, qual o problema a este nível? É que as pessoas que vão perdendo visão, sobretudo se o fazem na adolescência, negam até muito perto do fim que não veêm...é natural, principalmente nas raparigas isto é dramático...raparigas com 14,15,16,17 anos enquanto as outras começam a olhar para o espelho, é a idade de arranjar o cabelo, ir para a discoteca, arranjar namorados, não sei quantos...elas começam a perceber, numa altura que as coisas são muito competitivas entre elas, o que acontece neste caso é que para elas enquanto as outras avançam elas vão ficando para trás e começam-se a afastar. Os rapazes mesmo que gostem delas começam a pensar como é que vai pensar..vou levá-la para a discoteca, como é que vai ser? e se ela se magoa? E depois, se isto dar certo, como é que vai ser? Se namorarmos, casarmos? Como é que vai ser com filhos? Como é que ela conduz, como é que cozinha? Portanto, há uma série de questões que começam a afastar e elas sentem isso e vão fazer o papel delas...os rapazes, embora não passem tanto por isto, também passam...mas nas raparigas é pior porque ligam mais à aparência...aqui depois a questão que se põe é: então vamos esconder o mais possível os problemas de visão. Em que é que é importante? É que ao mesmo tempo vão rejeitar tudo o que tenha a ver com o Braille, de mobilidade, tudo o que tenha a ver com coisas especiais para cegos. Porquê? Porque isso, se o fazem, é assumir diante delas próprias que são cegas ou que vão ser. Portanto, enquanto puderem evitar. Se a própria pessoa não quer mostrar ao outro que está a perder visão, a última coisa que faz é assumir ela própria que vai cegar. As pessoas que cegam em adultas têm outra dificuldade porque estão habituadas a ver o mundo como o Tiago e, de repente, têm que reaprender tudo. E, nem sempre, isto é pacífico nem sempre as pessoas enfrentam bem este tipo de situações até porque sempre que podem tentam voltar ao modo antigo. De modo que eu acho que estas são diferenças importantes. Depois há as outras que têm a haver com algumas deficiências visuais, que estão associadas a outras deficiências...não à audição como muita gente pensa mas a outro tipo. De facto há cegos surdos mas essa não é a mais importante. Muitas pessoas têm tumores na cabeça e cegaram devido a esses tumores que muitas vezes afectam outras coisas, a nível da motricidade, a nível cognitivo. Pessoas que cegaram por acidente, e que foi só os olhos que ficaram cheios de vidros e não sei quê, isso é uma coisa...agora se a pessoa cegou e é um problema do cérebro, regra geral, ou muitas vezes esses problemas não se limitam à cegueira. A pessoa também ficou com os dedos dormentes ou com uma zona do corpo mexe mal...e isso tem consequências, por exemplo, no manuseamento de dispositivos. Ou têm bom tacto mas ficaram com dedos a menos. Eu por acaso tenho formandos, uns que leêm bem com os dedos todos, mas há pessoas que leêm bem mas que não têm os dedos todos, há outros que não têm os dedos que mais faltam faziam, os indicadores por exemplo, uns têm-nos todos mas alguns estão dormentes, porque tiveram uma lesão na coluna ou alguma coisa e têm dedos que estão dormentes, e o caso da diabetes que reduz a sensibilidade nos dedos. Por exemplo, tenho que pessoas que escrevem excelentemente na máquina de Braille mas depois para ler é uma chatice, não leêm nada. Se calhar assim, em termos de grandes tipos, que me esteja agora a lembrar, acho que são estes. Os associados com problemas cognitivos, a maneira como se encara a deficiência e o treino...a idade em que se aprende, permite.

[TJVG]: Eu tenho uma lista de características possíveis e cobriu grande parte. Mas entrando em detalhe, quando fala a nível cognitivo, mesmo sem falar em deficiência cognitiva, a nível de memória, por exemplo, tem impacto na sua aprendizagem e sucesso?

[IN]: É assim, quem não tem cão caça com gato. É natural que uma pessoa cega puxe mais pela memória do que uma pessoa que não seja cega. Vamos lá ver, pessoas com as mesmas capacidades, uma cega e outra não. A cega é sujeita a maior esforço porque como tem menos fontes de informação, ou menos hipóteses de repetições, aquelas que tem têm que...repare, o telemóvel não é, se eu e o Tiago tivermos as mesmas capacidades cognitivas, você imagine que tem uma mensagem escrita no telemóvel com a referência para pagar no multibanco. O Tiago não precisa de fixar nada, chega ao multibanco, olha para lá, vê a referência, o montante a pagar...está lá escrito, não precisa de se esforçar. Eu, se lá chegar, chego lá e tenho o meu leitor de ecrã a ler-me os números, que ainda por cima não lê um de cada vez, lê o número todo e eu tenho de fixar o número para depois o digitar no multibanco. Se escapa um número ao Tiago, olha para o telemóvel e vê se é 4 7 ou 4 6 e confere. Eu não posso. Tenho de voltar a pôr o telemóvel a ler aquilo tudo e conferir. Aqui a memória é puxada por este tipo de coisas. Enquanto o Tiago está a gravar esta conversa. Imagine que transcrevia um trecho completo. Uma coisa é você ter um ecrã em que você olha para lá e imagine que está a copiar para uma folha. Você olha para lá e calmamente vai passando para o papel. Passa aquilo que a sua memória conseguir, se for duas palavras, se forem 5, se forem 10, quando não se lembrar, olha para o ecrã e continua. Se for no gravador, você põe no play, ouve, se não se lembrar depois de tudo, volta atrás e tenta de novo. Quanto melhor memória tiver, menos estraga o gravador. Isto é a mesma coisa, uma pessoa cega obriga-se a si própria...sabe nós chegamos a um restaurante e tenho de escolher um prato. O Tiago nas calmas pega na ementa olha para aquilo, lê uma vez, duas vezes, as vezes que lhe apetecer, escolhe os que mais lhe interessam e quando chefa ao fim olha só para aqueles que mais lhe apetecem e depois escolhe...eu é assim: ó Tiago não se importa de me ler a ementa? O Tiago lê-me a ementa e o que eu tenho de fazer é fixar os pratos que mais me interessaram, porque se chegar ao fim e disse - Ó Tiago importa-se de me ler outra vez a lista toda? - você pensa - possa, este gajo é chato. Portanto, você tem recursos que eu não tenho e portanto com semanas, meses, anos disto, me obrigam a mim...Por exemplo, vou ao chinês que tem dezenas de pratos e, apesar de já conhecer alguns pratos preferidos, peço aos amigos para me lerem assim um pouco em diagonal o que é que há e fixo 2 ou 3 e depois digo - não fixei o número mas quero o prato tal e tal. Não vou obrigar a lerem-me de novo. É...sabe, eu acho que os cegos puxam mais pela memória por causa disto, porque têm que....depois há aquelas pessoas que têm menos capacidades e usam a memória para fixar coisas mas isso também os normo-visuais fazem. Mas aqui eu acho que em pessoas com as mesmas capacidades, como nós temos menos recursos, temos de puxar...

[TJVG]: Então uma pessoa que esteja de alguma forma limitada a nível de memória terá limitações depois?

[IN]: Sim.

[TJVG]: Restam-me aqui três características que são um pouco diferentes. A trabalhar com dispositivos que impacto acha que tem o grau de literacia, a experiência com telemóveis e a experiência com tecnologias? Quais as mais relevantes, que impacto tem, produzem diferença?

[IN]: O grau de literacia eu aí acho que não há grandes diferenças com as pessoas normo-visuais. Na literacia as consequências são as mesmas. Para qualquer cego, o telemóvel é um brinquedo novo...ou seja, um brinquedo que me permite acesso a várias aplicações, e falar com outras pessoas, amigos, e isso uma pessoa aprende rápido, aprende depressa, porque tem necessidade. Como se diz, o hábito faz o monge. É útil para as pessoas e mesmo as pessoas mais descuidadas, mais desconcentradas, menos empenhadas, mais preguiçosas, mesmo essas fazem questão de aprender. De facto, se eu tenho dificuldade em ler ou escrever, ler não tanto, mas escrever, vou-me inibir de enviar mensagens escritas mas isso também acontece com quem vê bem. Por exemplo, a minha mãe, tem a 4ª classe mal tirada, a minha mãe nunca escreveu mensagens no telemóvel mas no entanto ela vê bem. Ler talvez as pudesse ler mas não o faz porque também não as escreve e portanto isso não. Usa o telemóvel para fazer chamadas e receber e é normovisual. Por isso eu acho que um cego acontece o mesmo. Um cego que tenha a aliteracia em princípio não manda mensagens, recebe-as e lê porquê? Porque o ler de um cego não implica a literacia. Porque enquanto uma pessoa que vê bem...você se quiser ler uma mensagem escrita, vê no ecrã e se for analfabeto não lê...eu, se for para escrever... se tivermos os dois aliteracia, eu não escrevo mas você também não escreve enquanto a ler você não lê mas eu se calhar leio porque eu não tenho de saber soletrar. Como eu tenho leitor de ecrã eu ouço, o leitor de ecrã lê-me o que lá está. Portanto, aí eu mesmo tendo aliteracia eu não consigo escrever mas consigo ler. Consigo ouvir mas aqui ouvir significa ler. Não consigo enviar mensagens para o Tiago mas se o Tiago enviar para mim eu consigo ler e portanto leio-as. Nesse caso, até temos alguma vantagem. As pessoas que veêm bem não se vão lembrar de pôr um leitor de ecrã porque até teria vantagens. Mas seriam vistas como ceguinhas. Em relação à tecnologia, quando mais experiência a pessoa tiver melhor utilização fará dos recursos que o telemóvel disponibiliza. Eu acho que ao nível de enviar e receber chamadas, toda a gente faz. Independentemente do contacto que tenha com tecnologia. Por exemplo, a minha mãe tem 70 anos, tem o telemóvel há 5 anos, ela vê bem, e usa-o. Acho que também os cegos o fazem. Acho que ao nível básico, a experiência não tem grande impacto. O que depois vai pesando é depois nas outras funcionalidades do telemóvel e aí quanto maior for o contacto com a tecnologia, mais uma pessoa cega se arrisca no bom sentido...mais usa o telemóvel, mais o explora, mais usa funcionalidades complexas, portanto acho que aí é importante...mas o básico acho que não. Se uma pessoa tiver experiência com telemóveis, ainda por cima se for jovem, quanto mais funcionalidades tiver o telemóvel a seguir mais o explora. Acho que a experiência conta para funções mais avançadas. Acho que seria directamente proporcional a experiência que a pessoa tem com telemóveis com a exploração do telemóvel novo que tiver. Vai caminhando por aí. As chamadas todos fazem, as mensagens já é diferente dependendo da literacia.

[TJVG]: Eu por mim tenho tudo esclarecido. Resta-me agradecer o tempo dispensado e o contributo que me deu. Obrigado.

# Interview #7

[TJVG]: Há quanto tempo trabalha com pessoas cegas?

[IN]: 12 anos

[TJVG]: Ao longo desses anos, que funções teve junto da população?

[IN]: Fui formador, fui pseudo-técnico de reabilitação.

[TJVG]: E foi sempre na APEC?

[IN]: Sim na associação e projecto Vodafone Say.

[TJVG]: Aproximadamente com quantas pessoas já trabalhou?

[IN]: Directamente, umas 3000. Qualquer coisa assim.

[TJVG]: É muito! :) Trabalhou sempre no contexto do projecto Say e ao longo desse trabalho com pessoas muito diferentes a nível de capacidades?

[IN]: Muito, muito.

[TJVG]: Pode exemplificar?

[IN]: Posso dizer que a população cega, apesar do tipo de resposta ser homogéneo, não é heterogéneo como na deficiência intelectual, acaba por ser o tipo de resposta também muito diferente porque.... não sei se está só a referir aos cegos ou também aos amblíopes...

[TJVG]: que o resíduo visual não chegue para interagir com um telemóvel...

[IN]: É o meu caso. Sou amblíope e o resíduo visual que tenho não chega e uso leitor de ecrã. Mas faz muita diferença se é uma pessoa que chegou em idade adulta, se nasceu cega, se tem outras deficiências associadas, se tem diabetes e problemas de tacto, se tem problemas de audição, se veio de um meio de super-protecção ou não, se já há muito tempo partilha experiencias com outras pessoas cegas, se é uma pessoa derrotada pela deficiencia, se não é....tudo isto faz diferença, se teve um processo de reabilitação correcto...porque às vezes têm muito tempo disto e têm uma série de vícios. Não tiveram um processo de reabilitação correcto. São quase processos interiorizados pela pessoa e depois inibem de evoluir em determinados aspectos.

[TJVG]: Acha que as capacidades funcionais variam mais do que entre as pessoas normo-visuais?

[IN]: Não, acho que não. Tudo o que disse excepto o cegar tarde e cegar cedo existe na população em geral. Há gente com muita resistência às tecnologias também.

[TJVG]: Pensando em características possíveis que uma pessoa possa ter, onde nota maior impacto? O que define mais o sucesso ou insucesso ao usar um computador ou telemóvel?

[IN]: Sobretudo a pessoa auto-intitular-se como incapaz.

[TJVG]: Ou seja, a motivação?

[IN]: Exactamente. Se a pessoa ainda estiver numa fase em que se sente derrotada pela cegueira e acha que foi um drama enorme que caiu sobre ela e que serve de limitação para tudo, as novas tecnologias tornam-se um bicho de sete cabeças. Posso dizer que há pessoas que cegaram que nunca lidaram com outras pessoas cegas e nem sequer sabem que podem continuar a comportar-se como uma pessoa qualquer sem grandes dificuldades.

[TJVG]: E casos de sucesso? O que realçaria numa pessoa que chega e consegue aprender rapidamente?

[IN]: Tecnicamente?

[TJVG]: A todos os níveis?

[IN]: Os casos de sucesso prendem-se quase todos por uma questão de motivação, no empenho que a pessoa coloca. É muito importante nas TIC a pessoa ter consciência da importância que têm...se a pessoa atingir esse nível de consciência motiva-se, informa-se, trabalha. Se não tiver, não dá o passo em frente. Tecnicamente muda muito de tecnologia para tecnologia. O telemóvel é diferente do computador, o computador é diferente de outro qualquer.

[TJVG]: No caso do telemóvel, quais essas características para ter um bom primeiro impacto e para aprender?

[IN]: Os que aprendem mais depressa são os amblíopes de visão reduzida porque já têm uma cultura de utilização de tleemóvel que vem detrás.

[TJVG]: Portanto, experiência prévia com telemóveis?

[IN]: Exactamente. As pessoas que cegaram tarde e já utilizaram telemóveis não tem dificuldade na utilização. Têm dificuldade é numa fase muito embrionária de aprendizagem que é o reconhecimento do teclado. O teclado aprendeu a vê-lo em a levar lá o dedo e agora não...tem de aprender a apalpar e saber onde está a tecla. Contudo, a utilização a dificuldade depois também é aprender a ouvir e perceber mas a utilização do telemóvel, as funcionalidades não. As que têm mais dificuldade são as que nunca tiveram uma cultura de utilização ou as que têm outra deficiência. Se tiver deficiência a nível de tacto por causa da diabetes é muito complicadãoo. Outras pessoas que têm muito sucesso, independentemente de serem cegos há muito tempo ou não, é a experiência prévia de fala no computador, de leitor de ecrã.

[TJVG]: Há portanto um padrão de elementos que se transferem?

[IN]: Sem dúvida.

[TJVG]: E para o outro lado também. Quando a pessoa começa a usar mais o telemóvel sente-se impelida a usar mais o computador. Embora a aprendizagem do teclado difira.

[IN]: Dessas características que mencionou, quando tem um primeiro contacto com essas pessoas, tem algum mecanismo de saber se essas pessoas terão dificuldades, ou é ao longo do tempo?

[TJVG]: Há sempre uma conversa introdutória. Além de descomprimir a pessoa serve também para conhecer. Faz diferença se nasceu cego ou se nasceu há pouco tempo. Se ainda olha para a cegueira como uma desgraça, se está no processo de luto da cegueira, essa conversa introdutória é muito importante. A partir daí é que se começa uma base de trabalho porque não se trabalha da mesma forma com uma pessoa que nasceu cega....e outra pessoa que está constantemente a lamentar-se por ser cega. Aí temos de trabalhar de uma forma completamente diferente.

[IN]: Que formas de trabalho diferente identifica? O que varia?

[TJVG]: Eu diria que quando se trata de uma pessoa no processo de luto, ainda de vitimização relativamente à deficiência, há mais conversa, há uma descrição de casos de sucesso de uma forma que não faça a pessoa sentir-se diminuída e há sobretudo reforço da confiança relativamente ao procedimento dela. A nível técnico, que vamos ter que ensinar o teclado, vamos ter que ensinar tudo de base. Se apanharmos uma pessoa que já vive com aquela realidade de forma natural é um processo de ensino quase que excusamos alguns passos. Portanto, a pessoa muito facilmente assimila o teclado, muito facilmente se adpta à questão da voz. Muitas dessas pessoas com essas características aprendem facilmente o telemóvel...o computador já é diferente.

[IN]: E fazem sempre explicação e depois a pessoa ir treinando. Ou tem algum tipo de tarefas em especial que ajudem?

[TJVG]: Não percebi.

[IN]: Quando estão nesse processo apresentam à pessoa a forma de usar e depois a pessoa tenta escrever umas mensagens, vai tentando navegar...ou costuma apresentar algum tipo de desafio especial?

[TJVG]: Quando a pessoa está a principiar faz-se o conhecimento, a descrição do aparelho, se não é o dela, se está a aprender com outro qualquer, do teclado e do essencial que será marcar um número de telefone e fazer uma chamada. Isto numa fase inicial. Escrever mensagens não faz parte de uma fase inicial. Com o sistema do BloNo talvez pudesse fazer. É fazer, receber chamadas, identificar quem está a chamar, reconhecer o teclado e estar à vontade nestes procedimentos. Depois passa-se para outras fases, menus, colocar o despertador, que é uma tarefa muito simples...talvez já inserir um contacto que já implica escrita. A escrita é sempre a que demora um pouco mais tempo.

[IN]: Exige que a pessoa coloque mais esforço?

[TJVG]: A escrita implica bastante prática. No caso do vosso sistema não. A pessoa consegue escrever sem prática quase nenhuma. Aqui não. Porque se ninguém disser que numa área de edição, no campo de escrita, três vezes o 2 faz a letra C, a pessoa dificilmente sabe isso. Não há nada que lhe faça fazer 3 vezes o 2 naquele momento a não ser que vá escrever 222 numa mensagem e perceba ABC e não sabe se ficou um C ou se ficou ABC...daí não ser tão intuitiva a escrita. Depois o teclado tme o número e as letrinhas em pequenino. Quem não vê não tem essa informação. Somos nós que a transmitimos uns aos outros.

[IN]: No que respeita aos telemóveis vocês dão essa introdução e em geral as pessoas saem a saber as funções básicas?

[TJVG]: Numa primeira sessão as pessoas saem a saber fazer uma chamada, pouco mais.

[IN]: Há pessoas que saem que não conseguem fazer isso?

[TJVG]: Tenho casos de pessoas que nem sabem segurar num telemóvel. Isso tem a ver com a complexidade do ser humano. Não tem a ver com a pessoa cega. Há pessoas que têm limitações e que também é uma limitação nossa, como técnicos, que não conseguimos perceber a limitação...posso saber que fui a uma associação ensinar um teclado a uma senhora e constantemente perdia a percepção da posição do telemóvel...e se o virar de pernas para o ar a posição das teclas vai estar sempre errada ...e o telemóvel nem sequer era rectangular.

[IN]: E o problema aí era de coordenação? Era de quê?

[TJVG]: O problema era meu. Não tive suficiente tempo para perceber quais eram as limitações que a pessoa tinha que lhe inibiam sequer de....mas isto não é um caso típico. O caso típico é a pessoa aprender facilmente o telemóvel e vai experimentanto o teclado, falhando. Mas com o erro vai aprendendo. No fim já é capaz de identificar o teclado mas isso não quer dizer que não falhe. Eu também falho e tenho tantos anos disto e às vezes vou à tecla do lado. Se a pessoa não souber nada é o teclado, se a pessoa já souber o teclado, a gente passa logo para outras alterações.

[IN]: Nesse caso dessa pessoa que teve dificuldades, a pessoa em si tinha um problema de sensibilidade no tacto?

[TJVG]: Não me disse ter.

[IN]: Ela não me indicou. Eu perguntei e ela disse não ter. Pareceu-me foi um caso de uma pessoa que sempre viveu desviada daquilo que são as capacidades das pessoas cegas. Pareceu-me super-protegida. A super-protecção é terrível para a cegueira...é mais limitadora que a própria cegueira. Dá-me a entender que essa senhora nunca conviveu com outras pessoas cegas e sempre foi assistida. Nunca teve de tratar das coisas dela. E uma tarefa tão simples como...nós nem temos de exigir de nós próprios que consigamos fazer. Não faz mal que eu agarre mal, vem uma pessoa e põe bem. E não há o grau de exigência connosco próprios. Tenho outro caso assim. Mas esse trabalhei muito tempo com essa pessoa e mexe com o telemóvel. Com a voz muito devagarinho mas mexe. Se precisar de mexer numa configuração não faz mas sabe fazer chamadas, saber quem está a ligar e escrever mensagens. Já se pode dizer que já lhe serve para alguma coisa. Estou a falar de uma pessoa que tive uma sesão e outra que tive mais de 100.

[TJVG]: Há pessoas que para além do primeiro impacto, umas que demoram mais a aprender que outras? Aí o que destaca, quais as maiores diferenças?

[IN]: O aprender mais rápido tem a ver se já tem cultura de utilizaçao de telemóvel, cultura de novas tecnologias, aprender quase sempre mais rápido...depois também tem a ver um pouco com uma abertura de espírito...criam logo resistência, aborrece muito aprender.

[TJVG]: E a nível sensorial e cognitivo?

[IN]: Claramente. Se as pessoas tiver problemas a nivel sensorial, sobretudo tacto e aduição isso vai limitar muito. Em termos cognitivos, sabes que os défices cognitivos são muito...o olho é um orgão complexo e eu costumo dizer que nas ambliopias, há tantos tipos de ambliopias quão complexo é o olho. O cérebro é muito mais complexo que o olho. Dentro dos défices cognitivos não há um padrão. Se há tipos de deficiência que não se pode criar um grupo, que tem de ser demasiado individualizado é a cognitiva...e então se tiver a cognitiva associada à outra, as duas multiplicam-se, não se somam. Há cegos com algum défice cognitivo que não conseguimos fazer reabilitação porque o défice cognitivo não deixa e não se consegue reabilitar relativamente ao défice cognitivo porque não há estímulos visuais. É complicado mas há casos em que é possível.

[TJVG]: Saúde mental?

[IN]: A saúde mental, a diferença que tem em relação à deficiência mental é o facto de podermos resolver o problema. Uma pessoa de saúde mental tem tratamento..são os casos de psiquiatria.f melhor procedimento aí é o tratamento. Depois logo passamos às fases seguintes porque no momento em que ela é doente mental depende do tipo de dificuldade que tem mas é muito complicado. Há dificuldades que são muito complicadas. Se a pessoa tiver algum tipo de coisa que lhe faça ter mais ansiedade, um processo depressivo, é muito complicado ensinar o que quer que seja. É possível mas é muito difícil.

[TJVG]: No contacto com dispositivos, acha que a idade que a pessoa tem influência na capacidade de controlo e aprendizagem?

[IN]: Tendencialmente, sim. Mas há muitas excepções. A população mais nova é claramente mais receptiva. A população mais idosa tende logo para o princípio que já é velha e já não precisa de aprender. Isso acontece com qualquer pessoa. Mas há excepções.

[TJVG]: Uma pessoa idosa pode nao conseguir mesmo que queira?

[IN]: Não é drástica. É suficientemente relevante mas pode conseguir.

[TJVG]: Nestes casos executa-se alguma técnica para as pessoas idosas ultrapassarem essa barreira?

[IN]: A técnica prende-se mais uma vez com a motivação. A pessoa idosa nãoo procura a nova tencologia como ferramente de trabalho à partida já está reformada e então onde nós podemos potenciar a motivação? Nos aspectos lúdicos. Repare que um cego se não souber braille como é que lê um livro? A ouvir uma cassete, ou ouvir MP3, ou ouvindo com o sintetizador de voz no computador. E o que é que acontece? Há alguns audio-livros mas livros sintetizados para ouvir no computador há milhares, a pessoa pode ouvir o que lhe apetece. Mesmo sendo cego e podendo ler, é um motivo bom para que ela aprenda. Mais do que o MSN e não sei que mais.

[TJVG]: O importante é encontrar uma área de interesse que justifique a necessidade de aprendizagem?

[IN]: Claro. Em qualquer população, as questões de motivação são fundamentais.

[TJVG]: Acha que a experiência tem a "ser cega" tem influência no controlo, nas capacidades?

[IN]: Aí é mais significativa a diferença se a pessoa é cega há pouco ou muito tempo do que propriamente a idade.

[TJVG]: Acha que é drástica? Uma pessoa cega há muito ou pouco pode nao conseguir?

[IN]: Em determinadas alturas é dramática. Se for cego há 5 ou 20 anos não. Mas se for um cego há 5 meses e outra há 5 anos é bastante drástica. Há pessoas que fazem 3 anos de luto e outras que fazem um mês. Mas o tempo faz diferença indiscutivelmente. O tempo que a pessoa é cega e a idade que a pessoa adquire cegueira.

[TJVG]: Nesses casos, alguma técnica?

[IN]: Quanto o tempo de cegueira é reduzido, antes de passarmos para a motivação para as novas tecnologias, temos de demover a barreira da cegueira, o luto é um obstáculo demasiado grande. Temos muita gente que cegou há pouco tempo que vem e não quer ouvir falar disso. A única coisa que a cabeça pensa é em oftalmologistas e na esperança de recuperar a visão. Mas também se faz. O CRNSA faz isso. A motivação aí passa pela necessidade mesmo porque é a forma que tem de utilizar. E, às vezes, não querendo quebrar a esperança da pessoa, é uma ferramenta que tem disponível e entretanto ir utilizando para minimizar a deficiência [...]

[TJVG]: Existe o tempo de cegueira e altura em que a pessoa cegou, congénita ou tardia. Acha que esta tem influência na capacidade de controlo?

[IN]: Tem no método de ensino. Se houver memória visual...uma pessoa que cegou aos dois anos é quase um cego de nascença...uma pessoa que cega aos 10 anos tem memória visual. É diferente. Pode-se ensinar um cego usando referências visuais. A nível de mobilidade, uma pessoa que tenha memória visual, pode elaborar um esquema de navegaçao como uma planta, uma pessoa que não tenha memória visual, não pode. Isso reflecte-se

[TJVG]: Nos teclado e até mesmo na organização de leitura de um ecrã, essa orientação espacial também ajuda?

[IN]: Sim, sim. Se a pessoa tiver memória visual nós podemos e devemos usar referências visuais. Não faz mal nenhum desde que elas se apliquem à realidade enquanto cegas. Se a pessoa não tiver memória visual não servem para nada.

[TJVG]: Existe alguma técnica para colmatar isso ?

[IN]: Nos casos que não existe memória visual temos de dar referências noutro elemento sensorial...referências tácteis, as analogias que criamos para estabelecer um paralelo com situações conhecidas que dependem do conhecimento da pessoa. Referências auditivas, tácteis.

[TJVG]: Acha que o grau de literacia tem influência no controlo de dispositivos, na diferença de capacidades?

[IN]: Tem alguma mas da mesma forma de que a população em geral. Mas às veazes até acontece ao contrário. Uma pessoa que não saiba ler e é analfabeta, com as novas tecnologias, lê com a voz, enquanto um analfabeto que vê, em princípio não lê. Tem resistência em usar um sistema que está optimizado para cegos.

[TJVG]: A memória tem influência na diferença de capacidade de controlo?

[IN]: A memória da pessoa?

[TJVG]: Sim.

[IN]: Tem, tem. Uma maior capacidade de memória permite ...há muitas coisas que requerem memória. Nos computadores os atalhos são quase todos...quanto mais atalhos a pessoa souber, mais rápido e de forma mais eficaz a pessoa usa o computador. Não há grande lógica é memória. No caso da escrita, se a pessoa não memorizar as letras nas teclas, não consegue utilizar. Claro que o raciocínio também é importante...por exemplo, eu tenho má memória mas isso não quer dizer que eu não consiga usar um computador. MAs que a memória ajuda, ajuda. Só que há procedimentos que devemos usar o raciocínio logicamente.

[TJVG]: Alguma técnica para colmatar dificuldades a nível de memória?

[IN]: É complicado. Tem de se explicar muitas mais vezes. Tem de deixar quase de ser um processo de memorização para quase um comportamento instintivo. A pessoa já vai lá não porque memorizou que é assim mas porque foi tantas vezes que já vai lá.

[TJVG]: A nível motor, destreza, precisão e força, acha que estas características têm influência?

[IN]: Conhecemos casos em que a dificuldade motora é bastante impeditiva e casos em que apesar da incapacidade motora, conseguem fazer uma utilização quase normal das tecnologias?

[TJVG]: Está-me a falar de deficiências profundas ?

[IN]: Todo o tipo, desde pessoas que não têm mãos até pessoas que as têm e não conseguem controlar os movimentos. Casos bastante graves. A falta de precisão queria alguma desmotivação na aprendizagem. A pessoa não consegue, falha, diz não ter jeito para aquilo e desiste [...].

[TJVG]: [Agradecimentos e Finalização]

# Interview #8

 [TJVG]: Há quantos anos trabalha com pessoas cegas?

[IN]: Há 11 anos.

[TJVG]: Ao longo desses anos, que funções teve junto da população?

[IN]: Comecei na área da comunicação escrita a negro, dava aulas de escrita à mão, a negro, e aulas de dactilografia e algumas horas de informática mas, como pode imaginar, há dez anos não tinha nada a ver com o que fazemos agora. Era simplesmente escrever porque não havia Internet nem nada dessas coisas.

[TJVG]: Sempre com população cega?

[IN]: Sim, e sempre aqui na Fundação.

[TJVG]: Se pudesse quantificar o número de formandos com quem já trabalhou?

[IN]: Por volta de 80, se calhar mais. Agora faço cursos mas antigamente fazia módulos dos cursos inteiros portanto toda a gente acabava por passar na minha área.

[TJVG]: Dentro dessas pessoas, encontrou pessoas muito diferentes?

[IN]: Muito, muito diferentes. Acho que já encontrei tudo o que seria possível de apanhar.

[TJVG]: Quais as diferenças mais fortes?

[IN]: O que normalmente me faz lembrar das pessoas é quem tem mais facilidade e quem tem mais dificuldade, são aqueles que nos marcam mais. Já tive desde aquelas pessoas que eu ainda não acabei de falar e eles perceberam o que eu quero dizer até pessoas que repito de diversas maneiras ou pedir a alguém para explicar e mesmo assim não conseguem perceber.

[TJVG]: Nesses casos de insucesso, quais as maiores barreiras, as características que fazem a diferença?

[IN]: Eu não gosto de rotular as pessoas mas o insucesso pode acontecer a qualquer um independentemente das habilitações literárias, idade,..., mas há se calhar pessoas que me marcam e eu posso falar, onde há realmente essas características, por exemplo, a pouca escolaridade é uma delas, a idade...acho que as pessoas mais novas têm muita facilidade de aprender mas não quer dizer que as pessoas mais velhas não consigam...depois, há questões relacionadas com a própria orientação da pessoa no espaço, noto que na questão da informática e no perceber como as coisas funcionam, quem tem uma boa orientação e se consegue organizar mentalmente melhor, uma coisa está relacionada com a outra, normalmente consegue usar melhor o computador. Falo da minha experiência, agora na informática, tem a ver com uma imagem mental que a pessoa consegue organizar ou não oque está a acontecer. MAs lá está, as pessoas que têm menos escolaridade também foram menos estimuladas para fazer esse tipo de trabalho. Há pessoas também mais predispostas para aprender, porque têm um computador, ou querem comunicar com alguém na Internet. A Internet hoje em dia é sem dúvida um grande foco de motivação para as pessoas porque querem aprender.

[TJVG]: Falando em padrões de casos de sucesso, consegue identificar um?

[IN]: Sim.

[TJVG]: E casos de insucesso? Apelando à memória dos casos que conhece.

[IN]: Um insucesso grande é realmente uma pessoa que foi uma pessoa com muito baixa escolaridade e de um meio muito pequeno. De fora de Lisboa, de uma terra pequena, nunca tinha tido contacto com computadores.

[TJVG]: A experiência com tecnologia será preponderante?

[IN]: Sim, sim. Eu já noto quando eles chegam com um telemóvel, a forma como usam e as funções que usam já dá para perceber como vai ser a aprendizagem no computador. Há uma característica que limita bastante a aprendizagem que é as pessoas que estão habituadas a decorar como se faz determinadas coisas. E, se calhar, nalgumas situações tem que ser assim, mas na questão da informática e do telemóvel, se uma pessoa faz sempre as mesmas coisas aquilo serve, mas se quer fazer mais alguma coisa, se só decorou os passos, já não vai conseguir. E essa barreira às vezes é um bocadinho difícil de transpor. Que a pessoa perceba que não é só carregar aqui e depois não sei quantas vezes para baixo. É a pessoa conseguir perceber como as coisas funcionam a nível geral, o que é um meu, o que é um botão,....esta é a aprendizagem que eu tento fazer com eles e que é muito diferente do que fazia ao início, em que também lhes ensinava os passinhos todos para chegar aqui, depois para chegar ali..mas depois comecei a ver que isso não resultava. Mas esta dificuldade Às vezes é muito difícil de transpor. Quando a pessoa resiste e quer só saber fazer aquilo e decorar como se faz, quando há uma pequena alteração, está tudo estragado. Se a pessoa consegue perceber que se não está ali está um bocdinho mais para baixo e consegue adaptar-se funciona tudo melhor. As pessoas que não conseguem são aquelas que não conseguem ter uma imagem mental, uma orientação mental. E não conseguem passar para a fase seguinte que é sozinhas conseguirem fazer qualquer coisa diferente que eu não tenha ensinado. Que eu lhes ensine a usar o sistema mas que eles depois consigam usá-lo como quiserem.

[TJVG]: Na observação que tem do uso dos formandos de telemóveis, há alguma característica extra que os faça trabalhar melhor com telemóveis?

[IN]: Eu acho que quem tem à vontade com computadores também tem com telemóveis e vice-versa. As características são semelhantes. O que não quer dizer que uma coisa esteja relacionada com a outra. Também tenho pessoas que são boas na Informática e não usam o telemóvel para nada excepto atender. É também porque não têm muito interesse.

[TJVG]: Mas aí é de interesse porque teriam as capacidades para o fazer?

[IN]: Sim, é uma questão de interesse e motivação.

[TJVG]: Em relação às tecnologias assistivas, no uso de computadores, que características é que exploram?

[IN]: ...

[TJVG]: Funcionam sempre bem? A generalidade consegue rapidamente aprender a usar essas tecnologias?

[IN]: Não, não não. Eu vou dar um exemplo. Eu tenho pessoas que usam o Jaws há anos e não conhecem nada nada do programa. Conhecem as funções mais básicas e se ninguém batalhar com elas em funções muito úteis mas um bocado mais complexas não as aprendem.

[TJVG]: Quem são essas pessoas? O que as diferencia?

[IN]: Se calhar nunca pensei muito nisso mas as pessoas mais interessadas em explorar, em tirar mais partido do Jaws, são se calhar as pessoas mais novas, as tais que têm muita facilidade em aprender. Se calhar como captam rapidamente como o sistema funciona, conseguem perceber o resto [--Detalhes sobre o Jaws--]. As pessoas que têm mais facilidade...as que têm mais habilitações não acho mas se calhar as mais jovens.

[TJVG]: Aqueles que conseguem usar bem o Jaws, conseguem atingir níveis de sucesso semelhante às pessoas normo-visuais?

[IN]: Sim. Tenho pessoas ali que batem a minha sogra aos pontos. Não tem nada a ver com o ser normo-visual ou não ser.

[TJVG]: No uso do Jaws, para além da visão, pode haver impedimentos extra que dificultem o uso?

[IN]: No caso do Jaws, a nossa dificuldade é se a pessoa tem problemas auditivos, claro. Há alguma estratégia para ultrapassar?

[TJVG]: Não, o que existe é um aviso que o facto de suar muitas horas pode piorar os problemas auditivos. A estratégia alternativa é usar uma linha Braille. Mas aqui não é possível porque não há uma segunda pessoa para focar na pessoa que não esteja a ouvir. Nunca tive essa experiência. De resto, quando começam a ouvir pela primeira vez o Jaws, não percebem nada. Acham que não se percebe nada do que ele diz mas depois é muito rápida a adaptação. E apesar de o Jaws continuar a falar brasileiro, eles continuam a resistir às versões diferentes. Também tem a ver com a velocidade das novas vozes que é mais lenta e cansa-os.

[IN]: As linhas Braille também têm algumas exigências.

[TJVG]: Sim, por isso aqui também não usamos muito. As pessoas têm de dominar o Braille, que não é o caso das pessoas que chegam aqui à Fundação. Depois também temos muitas pessoas que até sabem ler Braille mas têm alguma falta de sensibilidade devido à diabetes.

[IN]: Ou até da idade?

[TJVG]: Sim até da idade mas a diabetes é mais drástico. Com a velocidade que as letras passam na linha Braille, fica mesmo impossivel para estas pessoas. Eu só tive uma pessoa até hoje que lhe meti uma linha Braille nas mãos para usar e achei que valia a pena aprender a usar.

[IN]: Para usar um teclado, as pessoas que têm essas dificuldades de sensibilidade, conseguem sentir, ou recorrem a outras técnicas?

[TJVG]: Conseguem mas depende do teclado. Não conseguem se forem muito juntas e pouco relevo.

[IN]: E no telemóvel?

[TJVG]: No telemóvel também. Se forem teclas muito pequeninas e se forem daquelas que têm várias funções na mesma tecla pequena, pode complicar. A maior parte das pessoas que tem portátil resolve optar por ligar um teclado externo porque não se adaptam, as teclas estão muito juntas. A sensibilidade nos dedos é muito importante. Quem já fez dactilografia no passado tem mais facilidade.

[IN]: Nos telemóveis que vê usarem, que tarefas conseguem as pessoas em geral realizar?

[TJVG]: Atender e realizar chamdas, consultar a lista telefónica, isto é talvez quase todos. Depois eu peço para meterem um número e há pessoas que ficam logo atrapalhadas. Mas acho que tem maioritariamente a ver com o modo de indrodução das letras. Depois há pessoas que fazem tudo, liga bluetooth, muda configurações...sucesso total. Há assim umas coisas que eles não conhecem muito bem que eu acho que valeria a pena...escrita inteligente, toques.

[IN]: As características para ter um bom primeiro impacto, quais são? E para ter uma boa aprendizagem?

[TJVG]: Para ter um bom primeiro impacto com dispositivos, ser utilizador (experiência com tecnologia ou dispositivo que usa método semelhante). Por exemplo, se a pessoa perceber o funcionamente dos menus terá um bom funcionamento quando lhe aparecer. Depois, não queria voltar à idade mas é um factor...as crianças hoje parece que nascem com o rato na mão. As últimas pessoas que me têm chegado, mais novas, tipo 20 anos, já sabem fazer muita coisa, já estão muito à vontade, o palavreado, não estou a falar de coisas extra-terrestres...isto também é um factor importante para chegar rapidamente ao sucesso. A escolaridade penso que não seja muito importante. Embora haja provavelmente uma relação entre escolaridade e facilidade mais em teoria porque na prática não é bem assim.

[IN]: E para aprender melhor? São as mesmas ou acrescenta algo? Para continuar a evoluir?

[TJVG]: Talvez haver uma característica de paciência. Por exemplo, nos jovens nota-se que querem aprender muito depressa e fica assim tudo colado com fita cola. Ser paciente. ISto também não é assim muito fácil, a nível de informática, especialmente quando se colocam em comparação com quem vê. Eles alguém tem de explicar tudo, onde estão as coisas, como é que se faz, pelo menos uma vez para eles perceberem como é que se faz. Portanto, demora algum tempo a encontrar o tal ponto em que a pessoa já percebeu como é que as coisas funcionam e depois já conseguem fazer sozinhos as tarefas. E depois há características também...pessoas que gostam de fazer tudo na prática mas quem tiver um bocadinho de gosto pela parte teórica e ouvir um bocadinho, ler, uma parte teórica que suporte aquela prática. Quem gosta de fazer isso normalmente tem mais sucesso.

[IN]: Agora vou questionar acerca de algumas características: No contacto com dispositivos, o tempo de cegueira tem influência nas capacidades funcionais?

[TJVG]: Eu penso que não. Acho que não está propriamente relacionada com o tempo que a pessoa é cega. Acho que está mais relacionada com o facto da pessoa ter contacto antes de cegar ou não. Temos cegos congénitos que fazem tão facilmente como alguém que cegou há pouco tempo. Mas, por exemplo, quem já conhece computadores antes de cegar, já tem a tal ideia mental, a coisa já está organizada e agora é só relacionar. Mas também há cegos congénitos que nunca viram o computador e realmente conseguem....

[IN]: Mas aí também acha que não há grande diferença entre cegos congénitos e cegos tardios?

[TJVG]: Não, acho que não.

[IN]: Mais a nível cognitivo, por exemplo memória, tem influência?

[TJVG]: Sim. São tão importantes que realmente não há volta a dar. A memória em qualquer aprendizagem relacionada com a informática é muito importante. Alguém lhe explicou como é que é uma vez e nunca mais fez. Mas há pessoas que conseguem depois ir buscar esses conhecimento e utilizá-lo no dia a dia. Coisas que só mostro uma vez como é que se faz. Há pessoas que conseguem memorizare outras não. Depois, há por exemplo, teclas de atalho, que é muito útil. Há pessoas que memorizam tudo o que é teclas de atalho enquanto há outras...a memória é um factor importante.

[IN]: Passando para o nível motor, já teve contacto com pessoas com pouca precisão, com pouca força?

[TJVG]: Não. Quer dizer, houve um formando que só tinha dois dedos.

[IN]: E a nível de coordenação motora. Uso de duas mãos?

[TJVG]: Assim não tenho propriamente memória.

[IN]: Se calhar em pessoas mais idosas mas é algo que não salta à vista? Os que eles operam é basicamente os teclados e telemóveis e nunca reparei em nng com especial dificuldade em utilizar.

# Interview #9

[TJVG]: Há quanto tempo trabalha com a população cega?

[IN]: Há 10 anos.

[TJVG]: Ao longo desses anos, que funções teve?

[IN]: Formador e assessor da direcção

[TJVG]: Onde?

[IN]: Na ACAPO, como formador, e aqui na APEC, como técnico de reabilitação e na direcção.

[TJVG]: Durante quanto tempo trabalhou em cada local?

[IN]: Na ACAPO trabalhei durante dois anos e aqui estou desde Setembro de 2000.

[TJVG]: Se pudesses dizer um número ou uma ordem de grandeza, com quantas pessoas cegas é que já privou neste contexto? Formou ou trabalhou?

[IN]: Não há estudos feitos de quantos cegos existe em Portugal (...). Calcula-se que existam em Portugal entre 30 a 40 mil cegos. O INE diz que nos Censos 2001 existem 163 mil pessoas com deficiência visual porque as perguntas que estavam nos Censos nessa altura estão mal feitas. Havia muitas pessoas que respondiam que eram deficientes visuais porque usavam óculos. Aqueles valores não são verdadeiros.

[TJVG]: E entre a ACAPO e a APEC, eram grupos diferentes?

[IN]: Muito diferentes. As pessoas que vêm aqui à insittuição, que é focada no ensino, tirando algumas excepções (relacionadas com pessoas cegas recentes que estão em altura de apoio porque esta instituição é das poucas que tem Braille...há muita gente que não está em nenhum curso de formação e vem aqui aprender Braille...vem o pai, o rapaz, a rapariga...) (...). Fora isso, é uma instituição vocacionada para o ensino, que dá apoio ao ensino. As pessoas que vêm aqui não são analfabetas, são pessoas já com algum conhecimento. Enquanto a ACAPO é uma instituição não vocacionada para nada em particular, não tem uma área específica. Acontece que lá há de tudo...há a pessoa licenciada como a pessoa que está a pedir no metro. Se for por exemplo ao bar da Rua de Sta. Marta que é o bar da ACAPO vê provavelmente muita gente a pedir...muita gente. E a imagem das pessoas cegas não é aquilo, aquilo é um grupo dentro das pessoas cegas. Há muita gente que não se revê ali. Muita, muita gente.

[TJVG]: Aqui falámos a nível das instituições, mas a nível das pessoas com quem trabalhou consegue também identificar pessoas muito diferentes?

[IN]: Muito diferentes. Como em tudo na vida, há pessoas muito inteligentes e outras menos inteligentes. Há alguns que aprendem À primeira, outros que aprendem passado dez vezes. É o normal. Não é por ser cego que aprende mais ou menos.

[TJVG]: Então mesmo que seja ao nível geral, o que acha que diferencia mais essas pessoas?

[IN]: Vou-lhe dar dois exemplos. Conheço duas pessoas, uma que os pais enconderam-na durante 20 anos, esteve fechado dentro de um quarto. Esse indíviduo é completamente atrofiado. É um indíviduo diz que quando me encontra: ei Vitor tens de me ensinar o Braille mas fazes uns pontos do tamanho da cabeça de pregos para eu apalpar bem. Há uma rapariga que trabalha ali no instituto que cegou e passado três meses estava ... e passado um ano estava na vida activa. Percebe? As diferenças são tão grandes que as pessoas que têm muita dificuldade...nós apanhamos pessoas que para lhes ensinar o teclado do telemóvel, as pessoas não conseguem, viram o telemóvel ao contrário, não acertam nas teclas, nós insistindo 1, 10, 30, 40....outros isto explica-se duas, três vezes e está óptimo.

[TJVG]: Nesses casos o que influencia mais? A nível cognitivo?

[IN]: Cognitivo, claramente cognitivo? A nível de memória?

[TJVG]: Também há problemas a nível de sensibilidade também tem de se ter em conta esses factores. Mas tirando esses factores de diabetes, há muitas pessoas como toda a gente com outros problemas, tirando ainda problemas de deficiências associadas, deficiência mental. Há muitas doenças associadas à cegueira. Aí sim, há outros problemas que temos que ter em conta..há muita gente com deficiência mental que são cegos. Esses, por exemplo aquele sistema (BloNo) é excelente porque carregando numa tecla conseguem...é diferente de andarem a carregar várias vezes na mesma tecla para ter uma letra, como toda a gente faz.

[IN]: Acha que as capacidades funcionais, ou a forma como as capacidades a trabalhar com dispositivos variam entre a população cega, é diferente da variação entre a população normo-visual?

[TJVG]: Não, não acho.

[IN]: Pensando em características possíveis, onde nota maior impacto no sucesso ou insucesso da tecnologia? Costuma-se dar como exemplo a idade...

[TJVG]: A população idosa tem mais dificuldade porque resiste, não quer mudanças, não quer aprender coisas novas. E a resistência faz parte..nem todas as pessoas gosta da mudança. Só que as novas tecnologias têm vindo a permitir às pessoas...as pessoas com deficiência visual têm muita tendência para o isolamento e quando eu há pouco lhe falei do bar da ACAPO, esse bar tem uma vantagem excelente...vai-me dizer..é um gueto...se calhar é, mas a maior parte daquelas pessoas vive em quartos e o único sítio que têm para conviver é ali. O que é mau é não terem sessões de leitura, teatro, convívio...não...mas é o único que há, entre aquilo e nada o que é que é melhor?

[IN]: Casos de sucesso. Pessoas que chegam aqui e aprendem a usar um computador ou telemóveis rapidamente. Nota algum padrão de sucesso?

[TJVG]: Vou-lhe dar um exemplo de um senhor que é surdo e cego. E a comunicação entre os surdos-cegos é feita daqui para aqui (movimentos com as mãos) e comunicando com o Zé Pedro assim o Zé Pedro passado dois dias conseguia fazer tudo.

[IN]: E o que acha que o diferenciava?

[TJVG]: A inteligência. A facilidade de aprendizagem. Outras pessoas, por exemplo, quando eu há pouco lhe falava daquela rapariga que teve três meses em casa e depois pegou na bengala e foi à luta, o normal não é esse. O normal é que as pessoas ceguem e a seguir a tendência é o suicídio. Imagine que tem um castelo e o castelo desmorona-se. Acabou-se tudo. Nada mais tem sentido a partir dali. A família que apoia...qual é a tendência que a família tem? É meter a pessoa para dentro, protegê-la porque se for para a rua, cegou, vai ser atropelada, vão-lhe bater...a família tem medo dê o passo seguinte, então protege, não deixa ir. E a revolta da pessoa mais a família mais todos os outros factores dá que essas pessoas estejam em casa sem dar o passo seguinte. Bebe, fumar, ouvir rádio...é assim que a grande maioria faz. Quando eu há pouco disse que existem 30 ou 40 mil cegos...cegos reabilitados não existem mais de 5/10 mil. O resto está fechado em casa. E é esta luta que nós queriamos que fossemos conhecê-los para os puxar, para os trazer. Aquele sistema que tem ali para essa gente toda é excelente porque são pessoas...nós não conseguimos chegar a eles, a Sain não consegue chegar a elas. A equipa que nós temos aqui do Vodafone Say com a qual temos um prototcolo, quando os formadores entram nas colectividades encontram muita gente que nem sequer sabe que pode tirar o multi-usos, nem nunca ouviu falar disso. A grande maioria das pessoas o conhecimento é muito vago. E não sabem informática, estão fechados.

[IN]: No caso dos telemóveis em particular, e a sua exigência, nota alguma característica que seja essencial as pessoas terem? Qual seria a pessoa ideal para usar um telemóvel rapidamente?

[TJVG]: Seria um teclado com as teclas grandes, salientes e separadas, porque, por exemplo, os deficientes das forças armadas muitos deles são pessoas amputadas e marcam os números com a língua. Se a tecla estiver minimamente separada a pessoa consegue marcar com a lingua. Eu que tenho as duas mãos também consigo. Se for um teclado com teclas muito baixinhas, que quase não sentem, são terriveis para nós.

[IN]: E o ideal na pessoa? A característica seria ter boa sensibilidade no tacto?

[TJVG]: Mas não se pode exigir. Porque a diabetes...O telefone ideal seria esse. Dá para pessoas que não têm mãos, para os diabéticos, para todos.

[IN]: E em relação a estas tecnologias assistivas, leitores de ecrã, apoios para teclados....que características é que acham que exploram mais das pessoas?

[TJVG]: Eu não conheço ninguém que use esses apoios.

[IN]: Das tecnologias assistivas que conhece, quais são aquelas que têm sido um sucesso?

[TJVG]: A voz no computador e no telemóvel.

[IN]: Os leitores de ecrã?

[TJVG]: Sim.

[IN]: Depois existem outros exemplos como o detector de cores, detector de comida, frango ou bife, isso já existe com voz...como também já existe o relógio com voz. Mas a grande revolução são os leitores de ecrã.

[TJVG]: E os leitores de ecrã são desajustados em alguns casos. Há pessoas para quem os leitores de ecrã não funcionam?

[IN]: Há muita gente que tem dificuldade em se habituar à voz. Isso é normal, requer um período de aprendizagem que é normal. Quando aprendi informática a voz não era nada assim, era uma voz ... Mas passado uns meses percebi o que dizia. Faz parte da aprendizagem que nós temos que fazer. Hoje com os leitores de ecrã que existem, com o MSN, o Skype, é sem dúvida nenhuma uma maneira de inclusão, uma maneira de as pessoas comunicarem sem custos.

[TJVG]: No que diz respeito aos telemóveis, que tarefas conseguem as pessoas em geral, realizar?

[IN]: É relativo. Há quem só consiga fazer chamadas, há quem consiga ler mensagens, alterar configurações e alterar tudo. Não é possível arranjar um tipo padrão. Diria que a maioria se calhar consegue fazer as tarefas básicas. Enviar mensagens e tudo. Se calhar não conseguem alterar algumas configurações, ferramentas, mas é muito relativo. Não há...há de tudo.

[TJVG]: Na sua opinião, quais as características individuais que uma pessoa cega deve ter para se dar bem como tecnologia.

[IN]: Uma grande vontade de aprender, motivação...uma grande vontade de vencer, que muita gente não tem.

[TJVG]: Isso para aprender rapidamente e para ter um bom primeiro impacto? Quais os requisitos mínimos da pessoa para ao experimentar usar rápido?

[IN]: Se for uma daquelas pessoas que está em casa, fechada, o mais natural é torcer o nariz. Se for uma pessoa que viva sozinha que não tem ninguém para perguntar quem lhe está a ligar, ele vai explorar. Depende das necessidades que a pessoa tiver. Eu conheço pessoas cegas que não usam leitores de ecrã. Perguntam a alguém quem lhe está a ligar. São pessoas dependentes. O que se quer é que as pessoas cegas sejam o mais possível independentes. Quanto mais houver necessidade da sua autonomia, maior é a necessidade da pessoa aprender. Isto é a mesma coisa que andar na rua. Um cego para andar na rua tem que ter técnicas. Se eu for agarrado ao seu braço, eu não sou cego. Se eu for sozinho, sou cego. Muita gente anda na rua com os telemóveis baixinho. Há muitos para serem discretos, outros que têm vergonha. Há muita gente que não está suficientemente reabilitada para enfrentar as dificuldades.

[TJVG]: Vou perguntar algumas características e ver se acha se é algo que é muito relevante. No contacto com computadores acha que o tempo de cegueira tem influência na capacidade de controlo?

[IN]: Tem, porque a pessoa quando é cega há pouco tempo revela muita insegurança. Muitas vezes as pessoas vêm aqui e quando lhes mostramos um telemóvel, dizem "não consigo". A pessoa quando é cega há muito tempo, já passou essas barreiras. A insegurnaça é muito menor, há mais vontade de vencer, mais calo.

[TJVG]: E em relação entre pessoas com cegueira congénita e cegueiras mais tardias?

[IN]: Conheço de tudo. A nível de informática, conheço cegos congénitos que sabem mais do que, conheço cegos recentes que sabem mais que eu e conheço tudo ao contrário. Tem mais a ver com a vontade da pessoa aprender.

[TJVG]: No início da aprendizagem, há algum que se diferencia entre o cego congénito e recente?

[IN]: Não.

[TJVG]: Em relação à experiência com tecnologia em geral, acha que ao usar os telemóveis tem mais facilidade?

[IN]: Acho. Mesmo a nível da voz.

[TJVG]: Há um conjunto de mecanismos que apesar de parecerem diferentes.

[IN]: Não é por acaso que as pessoas querem a mesma voz no telemóvel do computador.

[TJVG]: E experiência prévia com outros telemóveis?

[IN]: Tem, tem. É diferente ser a primeira vez e ter algum treino.

[TJVG]: Falámos aqui de sensibilidade periférica mas há outras características motoras como destreza e força. São problemas comuns e têm impacto?

[IN]: Sim, depende dos problemas associados. Há muitas pessoas que não conseguem acertar à primeira com a tecla. Falta de coordenação, por exemplo nas pessoas com deficiência mental.

[TJVG]: Destas características que temos falado, alguma delas é drástica, ou seja, a pessoa realmente se estiver num extremo dessa dimensão não consegue mesmo chegar a aprender ou acha que com treino e vontade conseguem sempre atingir níveis suficientes?

[IN]: Eu acho que com treino e vontade conseguem sempre.

[TJVG]: Nos casos problemáticos, tem alguma técnica para colmatar as falhas?

[IN]: Principalmente insistência. Explicar às pessoas onde está a tecla. Para algumas pessoas basta uma vez, para outras são precisas imensas vezes.

[TJVG]: E para detectar esses problemas usam alguma técnica?

[IN]: Avaliamos a pessoa.

[TJVG]: E como o fazem?

[IN]: Perguntamos.

[TJVG]: [Finalização e agradecimentos]

# Interview #10

[TJVG]: Há quantos anos trabalha com pessoas cegas?

[IN]: Profissionalmente, há 26 anos.

[TJVG]: E durante esses anos, que funções teve junto da população?

[IN]: Foi sempre de apoio psicológico. Observação psicológica e apoio psicológico.

[TJVG]: E onde trabalhou?

[IN]: Foi sempre nas escolas normais onde os alunos estão integrados. Os alunos... desde os anos 70 optou-se por uma política de integração dos alunos cegos, e deficientes em geral, mas primeiro pelos cegos, em escolas normais e eu comecei a trabalhar aí junto desses alunos que estavam e continuam integrados.

[TJVG]: Neste momento este modelo vai mudar um bocadinho, certo?

[IN]: Agora mudou um bocadinho porque....houve várias fases. Ao princípio, houve duas escolas, depois entrou-se numa fase de liberdade total em que cada aluno se matriculava onde bem entendia e depois o ministério é que destacava para lá os professores e técnicos para dar apoio. Ultimamente, voltou-se a regredir...a regredir, a este nível..e criaram-se as chamadas escolas de referência que são escolas em cada área em que em vez de o aluno se matricular livremente é encaminhado para essas escolas que são previamente escolhidas. Em Lisboa há duas, em Almada há uma...são chamadas Escolas de Referência (Lei 3/2008).

[TJVG]: Conseguiria quantificar o número de pessoas cegas com quem teve contacto profissional?

[IN]: Concretamente não mas arriscaria umas centenas largas. Pelo menos 500, já.

[TJVG]: E foi sempre com jovens ou com populações diferentes?

[IN]: Eu trabalhei basicamente com jovens, ou seja, entre os 6 e os 20 anos de idade, embora tenha depois a nível privado lidado, a nível semi-clínico, digamos assim, dado apoio a algumas pessoas que perderam a visão ou tiveram problemas graves de visão em idades adultas mas aí não me dediquei muito. Foi um bocado episodicamente.

[TJVG]: Ao longo do seu trabalho com essas pessoas, consegue a nível funcional, identificar grupos de pessoas diferentes?

[IN]: Sim, bastante diferentes.

[TJVG]: O que acha que diferencia mais essas pessoas?

[IN]: A adaptação à perda de visão, a adaptação depois a nível da psico-motricidade, autonomia, e a resposta cognitiva também é muito variável. Mas acho que o que diferencia à partida é logo a autonomia e o grau de aceitação. Quando o grau de aceitação é muito baixo e a recusa é persistente, há muitas dificuldades que nascem a partir daí.

[TJVG]: Barreiras.

[IN]: Sim. Muitas, muitas, e que são bastante comuns. Claro que depende do nível etário em que ocorre a deficiência. (Interrupção externa) Dizia eu, o modo como a deficiência é aceite e integrada pelo próprioe muitas vezes pelos pais penso que são aquilo que condiciona mais a adaptação à vida prática e diária. Quando vejo pessoas de níveis económicos até às vezes elevados mas que têm dificuldades incirveis a nível motor e de autonomia, não têm autonomia nenhuma, e vejo às vezes o contrário. É um dos aspectos que varia um bocado na população. E nos últimos anos, aliás, tem agravado um bocado o problema. Não tem havido apoio muito bom nessa área e os alunos tendem, entre-aspas, a ser azelhas.

[TJVG]: Mas tem a ver com apoio ou protecção em casa?

[IN]: Pois. As duas coisas. O apoio não dá o lugar que devia mas de facto começa logo em casa com os pais.

[TJVG]: Portanto, é família e depois a escola também....

[IN]: Sim, a escola depois nem sempre está disponível. Basta dizer, que por exemplo, técnicos de mobilidade que são pessoas treinadas para ajudar os indíviduos com problemas de visão a deslocarem-se autonomamente na rua. Não tem havido...Antigamente havia, a nível do ministério, essa carreira e depois foi extinta e só agora há um ano é que se retomou muito timidamente e se colocou algumas pessoas mas muito poucas e se está a dar um apoio muito incipiente nessa área.

[TJVG]: Eu também notei nestes contactos que tenho tido com associações que se fala de um passado de maior reabilitação e que agora se transformaram em locais de alguma formação mas com um cariz mais solidário e menos reabilaticional.

[IN]: Sim, exactamente. Confirmo isso.

[TJVG]: Falando agora de dispositivos, acha que as capacidades funcionais, por exemplo, operar um teclado, um teclado braille ou um telemóvel, variam muito entre a população cega?

[IN]: Variam muito mas por acaso tomando mais os jovens como objecto não variam tanto como poderá entender. Entre a população idosa, que está sujeita a perturbações diabéticas e outras, se calhar varia mais. Eu entre os jovens noto algum equilíbrio. Claro que eles muitas vezes, a nível de informática em si não dominam muito. Mas a nível de telemóveis, que é mais lúdico, eles dominam bastante bem. Quer dizer, bastante bem, não tiram partido de muitas coisas, mas noto que têm apetência para isso.

[TJVG]: Portanto, o que um consegue os outros também conseguem. Ou seja, o que lhes está à disposição eles realmente conseguem utilizar?

[IN]: Sim. Claro que pode haver uns que se destacam, que podem ter mais apetência mas não noto que a diferença seja assim tão grande.

[TJVG]: Consegue identificar alguns casos de sucesso, que surpreendem pela positiva.

[IN]: Consigo. Por exemplo, uma jovem que perdeu a visão e a quem dei apoio nos últimos anos, perdeu a visão por volta dos 14/15 anos, que é uma idade um bocado crítica até e que se adaptou bastante bem. Teve uma boa adaptação embora com muita revolta. Adaptou-se muito rapidamente a tudo o que era tecnologia.

[TJVG]: O que acha que a diferenciava?

[IN]: Ela tinha bastante vontade, era motivada.

[TJVG]: Portanto a atitude era aí um factor determinante?

[IN]: Era muito activa. Sim, muito activa e empreendedora. E se calhar como o Braille nessas idades é um bocado lento, a aprendizagem do Braille é um bocado lenta, não o código, o código em si aprende-se muito rápido, mas tornar o código eficaz com uma leitura eficaz é muito lento. E ela se calhar para compensar isso, as tecnologias aacabam por ser muito mais rápidas, a resposta da informática e do telemóvel mesmo, o telemóvel até se pode utilizar para ler um texto, ela aí era muito quase que em muitos aspectos percebia mais que eu e aprendeu muito rapidamente. Bastava uma dica e ela descobria logo o resto. E há muitos casos assim. Em jovens há muitos casos em que conseguem um domínio bastante grande e com pouca ajuda.

[TJVG]: E por outro lado, casos de insucesso? Consegue lembrar-se de alguns?

[IN]: Sim, vejo insucesso mas é em casos em que a parte cognitiva ajuda pouco. Ou então miúdos que recusam de tal modo a deficiência que já têm um grau de visão muito baixo e continuam a recusar as tecnologias de apoio.

[TJVG]: Continuam portanto a recorrer à visão residual?

[IN]: Sim. Mesmo o telemóvel que tem o programa de voz, há muitos que não querem usar para não se assumirem como deficientes. Isso às vezes prejudica bastante. Há alguns e que não são tão poucos assim. Eu costumo dizer que não são as tecnologias ou qualquer tipo de apoio que lhes vai piorar a visão ou dar um carácter cego ou não-cego. São meras ajudas que ele pode usar a qualquer momento mas são eles que muitas vezes querem ocultar a eles próprios. Depois utilizam o mínimo ou até utilizam mal.

[TJVG]: Sendo um estudioso do Braille, tem experiência a ensinar a jovens cegos o Braille?

[IN]: Sim, ensinar ou pelo menos pesquisar como é que eles aprendem. Não tenho competência directa o ensinar. Mas fiz muitas experiências de observar como é que eles leêm, como é que eles aprendem, que ritmos é que atingem, que variáveis é que influenciam de modo mais decisivo o modo como eles leêm...

[TJVG]: Que variáveis são essas?

[IN]: Para mim, depois de muito estudo, é a idade de iniciação, a idade com que se inicia o Braille, quer dizer, se se começa a ler com 5 anos ou com 20 anos para mim é o factor mais determinante de todos. Há outros claro, a sensibilidade táctil, a apetência intelectual, verbal, a discriminação, não sei quantas coisas mais, o momento em que apareceu a deficiência, o treino, a motivação. Mas eu acho que de todos os factores que eu estudei, a idade com que se inicia o Braille é determinante. Se se iniciar até aos 10, 11 anos máximo, há boas hipóteses que tenha uma boa eficiência na leitura. Se for a partir dos 12 anos, mesmo que treine muito, já será muito difícil que tenha um bom desempenho.

[TJVG]: Aí terá a ver com o desenvolvimento de alguma compensação sensorial?

[IN]: Eu nunca encontrei uma resposta muito decisiva para isto, mas eu penso que sim. A partir dos 12 anos dá a sensação que a disponibilidade sensorial para mudanças de canal dominante, digamos assim, já não é muito grande. Alguém que começa depois dos 12 anos....quer dizer, aprende-se em qualquer idade, nunca de desaconselha o uso de Braille em qualquer idade. O ritmo de leitura que se consegue é que não é o mesmo. Eu posso utilizar, posso até aprender o Braille aos 60 anos, se quiser usar para etiquetagem ou para leitura de medicamentos, por exemplo, para isso dá. Agora, para ler um texto é muito difícil, porque o Braille é muito exigente, a nível de leitura de texto. E parece-me que é mais importante a idade de iniciação é mais importante até que a motivação.

[TJVG]: Existem essas tecnologias assistivas baseadas em Braille, mas existem também outras, como os leitores de ecrã para telemóvel e computador. Enquanto umas exploram o tacto, outras exploram o canal auditivo. Identifica casos de sucesso ou insucesso dessas tecnologias por problemas de audição?

[IN]: Muito raramente.

[TJVG]: Na popualação jovem, muito pouco?

[IN]: Muito pouco, às vezes quando há uma perda é muito raro que tenha alguma importância a esse nível. Um caso em cada cem.

[TJVG]: E nos casos da perda de tacto?

[IN]: Também não noto grandes problemas. Noto mais é caso em que resistem ao uso e depois mais tarde é mais difícil.

[TJVG]: E nesses casos de pessoas mais velhas, tem alguma estratégia que facilite a aprendizagem e melhore o desempenho?

[IN]: Há estratégias sim. Queria dizer que há o Braille normal e há o Braille electrónico, que suponho que sabe. O Braille em livro, em papel, e depois há a linha Braille, em que cada linha do computador aparece nuns pontos electrónicos que sobem e que descem e vão dando a informação. É um terminal que se liga ao computador.

[TJVG]: Também há para telemóveis?

[IN]: Exactamente, como o PacMate. É um utensílio específico que tem a linha Braille incluída e o teclado Braille. As linhas Braille ligam-se ao computador normal e depois é através do próprio Jaws que comanda a linha Braille.

[TJVG]: Então nesse caso, a pessoa tem que ter uma certa sensibilidade para ler a linha Braille e depois ter também boa audição para receber o retorno auditivo.

[IN]: Sim, aí utiliza-se as duas coisas.

[TJVG]: Estava-me a falar das estratégias e eu interrompi-o.

[IN]: Há estratégias para aumentar o ritmo de leitura. Porque o ritmo de leitura se for abaixo de determinado montante, 60 palavras, que é um bocado lento, põe em causa a compreensão do próprio texto, porque quando processo uma palavra já perdi a noção do contexto. Há muitas investigações que dizem que a média internacional é de 100 palavras por minuto mas eu por exemplo estudei casos de pessoas que liam bastante mais, 170 e coisas do género e há descrições de 200. Muitas vezes, as estratégias que se utiliza é o estimular a leitura rápida, quer dizer, é o inibir a pessoa de fazer movimentos regressivos. Por exemplo, há pessoas que leêm muito devagarinho e depois voltam atrás para confirmar e fazem isto muito devagarinho, e há uma investigadora americana chamada McBride que chegou à conclusão que o mais importante é a predisposição psico-motora, ou seja, eu não me preocupar propriamente em decifrar mas em andar para a frente, andar rápido, mesmo que perceba mal o que estou a ler e se eu criar uma atitude de andar rapidamente eu acabarei por conseguir ler mais rapidamente do que as pessoas que dão muita atenção à parte de descodificação e depois criam uma espécie de preguiça táctil, leêm muito devagarinho, vão para cima e para baixo, oscilam muito com o dedo. Ela defende que não deve haver regressões nenhumas nem confirmações nenhumas. Até tem um programa de treino em que pede às pessoas que leiam por exemplo 20 páginas sem perceber palavra nenhuma só para criar uma atitude de avanço, de avanço rápido. E depois aos poucos perceber uma palavra de vez em quando. E depois então começar a ler. É uma estratégia inversa ao que normalmente se faz...começar muito devagarinho e depois ir aumentando aos poucos. Ela quase que queria começar sem se ler nada e criar o hábito e motivação de ir rápido.

[TJVG]: O facto de passar rápido por cima das linhas provavelmente até melhora o discriminar de letras e palavras?

[IN]: Sim e cria esse hábito que o tacto não deve andar devagar, que deve ser uma actividade muito activa. Eles fizeram investigações em que usavam um Braille dinâmico em que vez de passar pelas mãos pela fonte de estímulo era a folha que passava pelo dedo a uma velocidade controlada. Obriga a pessoa a andar e chegaram à conclusão que era possível discriminar até 22 caracteres por segundo, que é um número incrível. O que quer dizer que a dificuldade não é perceptiva em si, é mais psico-motora. Depende da atitude que eu tenho de ler devagar, de confirmar e de me habituar assim. A percepção é mais um hábito, é mais uma coisa que entrava. MAs a dificuldade perceptiva não é muita. Se eu consigo discriminar até 22 caracteres/segundo é muita coisa.

[TJVG]: É imenso. A nível auditivo não conseguimos nem perto.

[IN]: Não dava, não.

[TJVG]: Em relação à parte cognitiva não fomos muito em detalhe. Não estou a falar de deficiências mentais profundas mas, dos casos com que trabalhou, a nível de memória, raciocínio...

[IN]: Variavam bastante.

[TJVG]: O que acha que influencia?

[IN]: Eu acho que nestes casos, em relação ao Braille e às tecnologias, a variação é mais decisiva do que para as outras pessoas, que possuem visão. Ou seja, a variação mental, intelectual, não é preciso falarmos em deficiência, mesmo pessoas ditas normais a nível de QI, uma diferença reflecte-se muito. Eu acho que o uso de Braille e tecnologias de apoio requerem uma predisposição intelectual mais fina, portanto digamos, uma diferença reflecte-se mais no sucesso com que se utilizam esses recursos. Encontro grandes diferenças entre os alunos e creio que a base é essa. Portanto, os alunos mais inteligentes conseguem um rendimento muito mais acelerado, muito mais rápido.

[TJVG]: Consegue ter essa noção da inteligência do aluno quando eles estão realmente a fazer a tarefa ou faz algum tipo de avaliação?

[IN]: Costumo mesmo avaliá-los. Aqueles que acompanho mais de perto, avalio mesmo com testes de QI.

[TJVG]: Então faz um teste psico-técnico?

[IN]: Sim, em que dá mesmo a medida.

[TJVG]: Faz algum teste físico, de destreza motora ?

[IN]: Faço, basicamente um verbal e depois um que tem umas imagens em relevo em que a pessoa tem um padrão e tem que identificar o que é que falta. Tem várias hipóteses para completar uma lacuna e a pessoa tem de escolher de um conjunto de hipóteses qual o bocado que preenche a lacuna.

[TJVG]: Que característica é que esse teste avalia?

[IN]: Dá-nos...aliás, existe isso também para pessoas que veêm. Mede o factor G, o factor intelectual global que compensa a parte verbal. Eu posso obter uma medida razoável apenas com perguntas orais mas se complementar com um teste deste tipo, chamado de desempenho....

[TJVG]: Existe então uma versão para a população cega?

[IN]: Sim, existem versões Braille. Tenho um que foi mesmo concebido para cegos, que é o BLAT, Blind Learning Aptitude Test, que é mesmo um teste baseado em coisas que existiam, existem coisas com a mesma ideia para pessoas que veêm mas que foi feito, testado e aferido mesmo para pessoas cegas.

[TJVG]: Depois faz raciocínio verbal...?

[IN]: Raciocínio verbal, numérico, abstracto. E obtenho o QI. A ideia básica que eu estava a defender é que uma variação do QI de uma pessoa cega tem maior impacto nas suas actividades que uma variação de uma outra pessoa. Não sei porquê, devem haver razões várias. A visão é um sentido mais integrador, que sintetiza os outros todos e se calhar quando não há visão os outros ganham maior relevo e a parte intelectual é chamada a uma prestação maior. Penso mesmo isso. Toda a minha prática aponta neste sentido.

[TJVG]: Isso é muito interessante (...)

[IN]: Agora às vezes pensamos erradamente que é por causa de não ter visão que a acuidade dos outros sentidos ganhou uma agudeza especial o que não é verdade. Sabe-se por pesquisas que não é assim. A acuidade é a mesma, a forma de interpretar os dados é que varia com o treino. Se medirmos a acuidade usando instrumentos físicos, a acuidade é teoricamente a mesma, o que não quer dizer que eu utilizasse do mesmo modo. Eu utilizo melhor porque o treino e a interpretação que faço dos dados que colho é já outra.

[TJVG]: Suponho que leia Braille a uma velocidade elevada. Eu, antes desta entrevista, pensava que a sua sensibilidade táctil fosse maior que a minha. O que me está a dizer é que não é verdade?

[IN]: Não.

[TJVG]: Provalvemente só encontro essas diferenças em pessoas com problemas a nível neuro-periférico, mais idosas ou devido a diabetes, por exemplo?

[IN]: Sim, nesses casos sim. Entre nós é apenas a nível da interpretação dos dados. Aliás, existe um aparelho chamado estesiómetro que tem duas pontas e que se aplica sobre a pele para discriminar a que distância a pessoa reconhece dois pontos e chegou-se à conclusão que não há diferença nenhuma. É igualzinho. Dá a sensação que uma pessoa que veja....no entanto, se uma pessoa que veja tentar ler Braille com o tacto não consegue.

[TJVG]: Então aí o que me diz é que uma avaliação clínica não serve nesse caso, teria que ser uma avaliação funcional...reconhecer uma figura ou um padrão Braille?

[IN]: Exactamente.

[TJVG]: Porque já junta a sensibilidade táctil à parte da percepção do que é sentido?

[IN]: Exactamente, é isso mesmo que quero dizer.

[TJVG]: Esgotei as minhas perguntas. Resta-me agradecer a sua disponibilidade e pedir permissão para o voltar a incomodar caso seja necessário esclarecer alguma dúvida.

[IN]: Com certeza.

[TJVG]: Muito Obrigado.